

UNQUIET



NAMÍBIA · CEARÁ · GRÉCIA · ITÁLIA

ALL NEW OUTLANDER

O HÍBRIDO CARREGADO
DE LUXO E DE HISTÓRIAS



CONHEÇA O SUV FEITO
PARA QUEM CARREGA
BAGAGENS QUE VÃO ALÉM
DO PORTA-MALAS,
COM EXPERIÊNCIAS QUE SÓ
SE VIVE NA ESTRADA.

Com 7 lugares e tração 4x4 elétrica, o All New Outlander te convida a explorar o desconhecido com conforto e sofisticação. O silêncio do modo 100% elétrico encontra a harmonia perfeita entre a trilha sonora de cada paisagem e o sistema de som Bose. E a luz que entra pelo teto solar panorâmico aumenta ainda mais a sensação de liberdade. Porque o All New Outlander não é sobre chegar. É sobre como você escolhe ir.



CORTINA RETRÁTIL
NAS JANELAS
TRÁSEIRAS



ÚNICO SUV COM
7 LUGARES
DA CATEGORIA



BANCOS
COM MASSAGEM
E AQUECIMENTO



SISTEMA
DE SOM
PREMIUM BOSE



SISTEMA
HÍBRIDO
PLUG IN



INTERIOR
LUXUOSO

4X4
É MITSUBISHI

III 8 ANOS
DE GARANTIA
DA BATERIA

WWW.OUTLANDER.COM.BR



Investir com
um banco que
joga junto é
extraordinário.

C6BANK

uma sociedade com JPMorganChase

Para uma vida **extraordinária**



Tech & Soul

Baixe o app
e abra
sua conta



Sumário

| | |
|-----|--|
| 016 | 360º – Experiências cada dia mais autênticas, ousadas e elegantes pelo mundo |
| 040 | 48 Horas – Quito: rica herança cultural e vivências originais |
| 042 | Sustentabilidade – Na Amazônia, a educação é o caminho para os sonhos |
| 046 | Festivais – A celebração definitiva da música clássica no Festival de Salzburgo |
| 050 | Biblioteca – Russo Passapusso e os discos que sonorizam suas viagens |
| 054 | Check-in – Produtos para viajar sem deixar rastros, apenas pegadas |
| 056 | Brasil – Casa Daia: dias em contato com a natureza suprema e a alma viva do Ceará |
| 068 | Cultura – Turquia e Grécia em um grande encontro cultural <i>al mare</i> |
| 080 | Arte – Um roteiro <i>artsy</i> provocante por Nova York |
| 092 | Esporte – Entre lagos e montanhas, aventuras de verão nos Alpes Franceses |
| 102 | Bem-estar – Tratamentos mais que especiais para o corpo e mente nas Dolomitas |
| 112 | Proudly – Antes sisuda, Varsóvia ganha novas cores em busca de um novo futuro |
| 116 | Ensaio – A paixão pela fotografia e pelos oceanos como ativismo ambiental |
| 122 | Gastronomia – A rota do azeite através da história e de <i>aziendas</i> |
| 130 | Aventura – Toda a potência da vida ancestral e da fauna única da Namíbia |
| 144 | Crônica – Teresa Perez: como nasce uma grande viajante |
| 146 | Inspiradores – Niède Guidon e sua incansável luta pela memória ancestral |



O endereço
dos melhores
endereços
de São Paulo.

 **PilarHomes**

“Não havia para onde ir, exceto todos os lugares.
Então continuei a andar sob as estrelas”

Jack Kerouac



C6BANK

UNQUIET
Movement is life

PUBLISHER
Corinna Sagesser

Diretor Editorial
Fernando Paiva (*in memoriam*)

Diretor Executivo
André Cheron

Diretora de Conteúdo
Nathalia Hein

Consultor
Erik Sadao

Diretor Comercial
Ricardo Battistini

Diretor de Arte
Ken Tanaka

Editor de Arte
Raphael Alves

Gerente de Marketing e Conteúdo Digital
Luciana Lancellotti

Coordenadora Digital
Patrícia Poli

Produtora de Conteúdo Digital
Karina Perussi

Projeto Gráfico
Ken Tanaka e Raphael Alves

Gerentes de Contas e Novos Negócios
Mirian Pujol e Ney Ayres

Colaboraram neste número

Texto: André Fischer, Carolina Sagesser Rodrigues, Corinna Sagesser, Flavia Vitorino, Gloria Guerra, Juliana A. Saad, Luciana Lancellotti, Luiz Maciel, Mauro Marcelo Alves, Nathalia Hein, Russo Passapusso e Teresa Perez

Fotos: André Fischer, Barbara Veiga, Flavia Vitorino, Folhapress, Getty Images, Istock Images, Juliana A. Saad, Marcos Vinicius, Marina Bandeira Klink, Nathalia Hein, Ricardo Thomaz e Victor Collor

Ilustração: Antonio Tavares e Verena Matzen

Revisão: Paulo Kaiser

CAPA
Victor Collor

Custom Editora Ltda.
Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista
São Paulo (SP) – CEP 01407-200
Tel. (11) 3708-9702
revistaunquiet@customeditora.com.br

Assinaturas revistaunquiet.com.br/assine

A versão digital está disponível no site revistaunquiet.com.br



Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.



Editorial

Viajar é uma forma de reaprender o mundo e, de algum modo, também a nós mesmos. Trocamos a correria do cotidiano por outros ares, treinamos o ouvido para novos sotaques e descobrimos que a curiosidade é o melhor passaporte. Esta edição nasce deste impulso: colecionar encontros que mudam o ritmo da vida e ampliam o olhar.

Fomos para a Namíbia, uma paisagem tão antiga que parece guardar a memória do planeta. Diante de suas imensas dunas, onde o tempo desacelera, nosso encontro com a etnia Himba revelou tradições que atravessam gerações e seguem vivas no norte do país. Em Nova York, traçamos um roteiro imperdível por alguns dos principais museus e galerias do mundo. A cidade que nunca dorme continua sendo uma parada obrigatória para quem respira arte.

Se o corpo é a primeira casa de qualquer viajante, é preciso cuidar dele. Seguimos para as Dolomitas, onde a cultura de bem-estar combina natureza e ciência em terapias de altitude. Ali, entre vales e montanhas, cuidar da mente e do físico não é tendência. É geografia e estilo de vida. Na França, entre Megève e Annecy, nos Alpes franceses, trocamos o relógio pela cadência dos pedais e das remadas. Trilhas, ciclovias e água cristalina desenharam um convite simples e poderoso: mover-se é uma maneira de relaxar e se conectar com o meio ambiente.

No mar, da Turquia às ilhas gregas, navegamos por histórias que moldaram o mundo ocidental – uma rota que comprova como a cultura se espalha por ventos e correntes. E, porque a mesa também é um território de descoberta, percorremos regiões onde nascem azeites premiados, provando que um bom extravirgem concentra paisagem, técnica e tempo em uma só gota.

De lá, voltamos ao Brasil para resguardar o que nos pertence. Uma região do Ceará ainda profundamente autêntica, em que a cultura dos pescadores permanece e dias inteiros se passam entre ventos, marés e um silêncio bom. Subimos o Rio Negro, na Amazônia, para conhecer iniciativas de educação em comunidades ribeirinhas, por meio de projetos que conectam livros, florestas e o futuro.

Para embalar nossa jornada, a trilha sonora vem com afeto: convidamos Russo Passapusso, do BaianaSystem, para sugerir sons que carregam o mundo no bolso, músicas que acompanham estradas, voos e caminhadas.

Esta edição é um convite a viajar com presença. Olhar devagar, ouvir de perto, participar com respeito. Que cada página provoque movimento no corpo, na mente e na forma como habitamos o planeta.

Vamos viajar. Vamos sonhar. Deixemos que o mundo nos conte as suas histórias. E contemos as nossas ao mundo.



CORINNA SAGESSER
PUBLISHER

Stay alive.
Be UNQUIET

DICAS DIÁRIAS:

@revistaunquiet
/revistaunquiet

/revistaunquiet
revistaunquiet.com.br

Um banco
completo em
qualquer lugar
do mundo?
Extraordinário.

C6BANK

uma sociedade com JPMorganChase

Para uma vida **extraordinária**



Baixe o app
e abra
sua conta

Colaboradores



Marina Bandeira Klink é fotógrafa de natureza, conhecida por seus registros em regiões remotas do globo. Há 30 anos, ela visita ambientes polares, estando bastante familiarizada com as adversidades naturais dessas regiões. Autora de três livros de fotografia e dois infanto-juvenis – ambos adotados por escolas particulares e pela rede pública de ensino –, tem seu trabalho presente em jornais, revistas e exposições fotográficas. São dela as imagens do litoral cearense para a seção Brasil.



FILIPE CARTAXO

Roosevelt Ribeiro de Carvalho, ou **Russo Passapusso**, nascido em Feira de Santana (BA), é compositor, cantor e pesquisador. Conhecido por comandar multidões com o som poderoso do BaianaSystem, é também integrante do coletivo Ministereo Público Sound System e apresentador do *Papo de Segunda*, do canal GNT. Atuante na cena musical contemporânea brasileira, já gravou com nomes como Gilberto Gil e Elza Soares, entre outros. Ele nos convida a uma viagem musical na seção Biblioteca.



Mauro Marcelo Alves é jornalista, *chef*, escritor e crítico especializado em vinhos e gastronomia. Além de passagens pelo *Guia 4 Rodas* e pelas revistas *Gula* e *Viagem e Turismo*, ele foi crítico da *Veja São Paulo* e correspondente do *Jornal da Tarde* em Paris. Criou o primeiro Festival de Gastronomia de Tiradentes (MG), recebeu a Medalha do Turismo da França e colabora com veículos de prestígio. Nesta edição, Mauro nos conduz em uma viagem sensorial pelos caminhos do azeite no mundo.



Juliana A. Saad é jornalista, editora e curadora, com quase duas décadas de experiência cobrindo o que há de mais relevante em viagens, *lifestyle*, hotelaria, arte, design e luxo. Nascida no Líbano, ela vive entre o Canadá e o Brasil e percorre os cinco continentes em busca de histórias que valem a viagem. *Globetrotter*, colabora com diversas publicações – sempre com o olhar apurado e uma curadoria afiada. Ela traz o melhor do bem-estar nas Dolomitas, na Itália.



VICTOR COLLOR

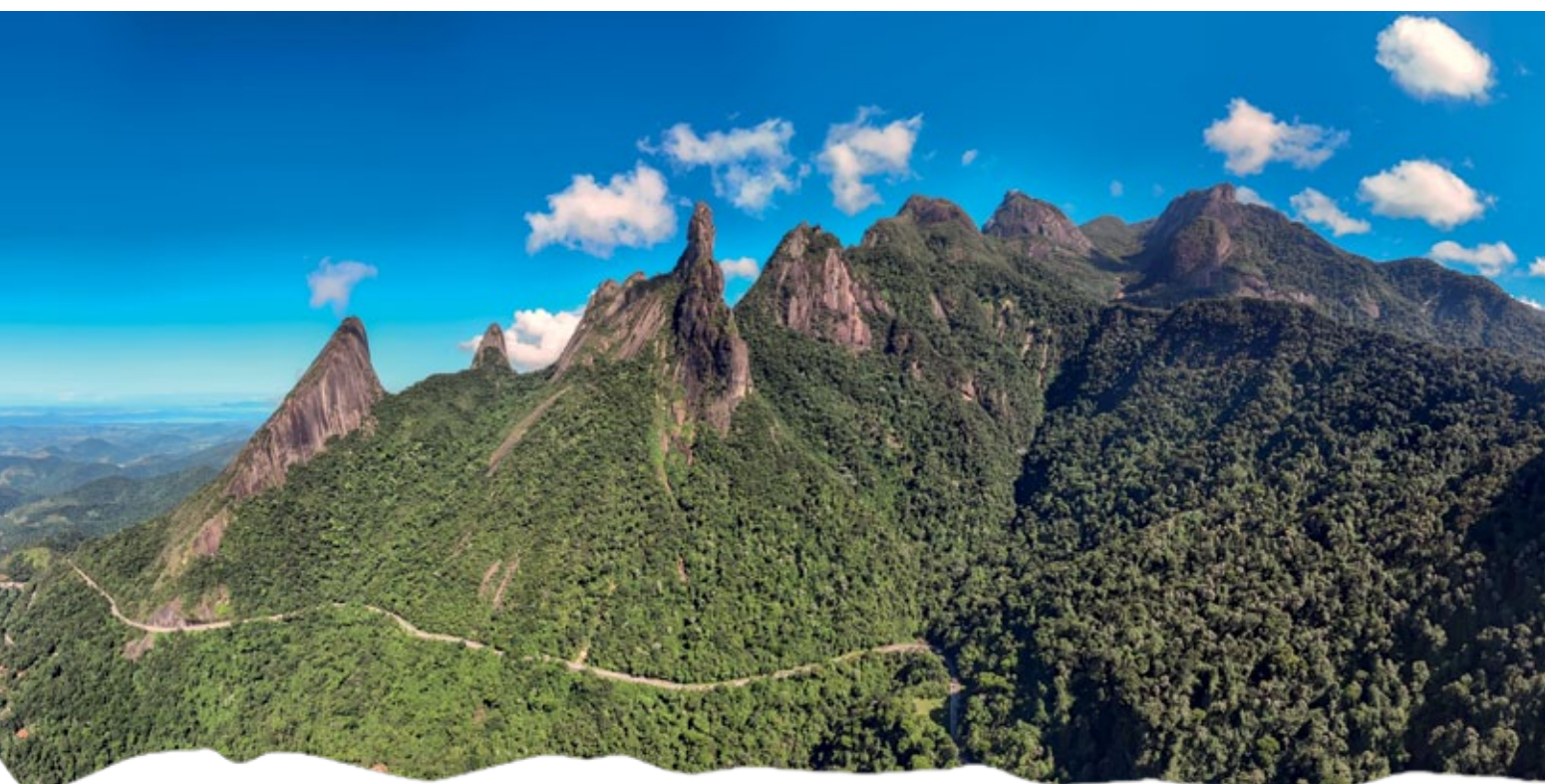
Vidrada por viagens que envolvem natureza e adrenalina, **Carolina Sagesser Rodrigues** tem experimentado uma nova fixação: aprofundar-se em modos de vida diferentes do dela. Aqui ela escreve sobre sonhos que estão sendo reflorestados na Amazônia e sobre a alma indomada do Deserto de Namibe, na Namíbia, em um encontro especial com o povo Himba. Nos dois casos, o respeito pelos ancestrais e o apego à terra fazem que esse povo mantenha seu próprio caminho, o que também é a certeza de que ela mesma está no rumo certo.



Victor Collor é fotógrafo e diretor criativo, com atuação marcada pela construção de narrativas visuais sofisticadas e atemporais. Seu portfólio abrange projetos de moda, *lifestyle*, hospitalidade e produções autorais, sempre com uma atenção meticulosa a luz, textura e composição. Ao longo de sua trajetória, ele desenvolveu uma abordagem estética muito sensível, resultou em imagens que se traduzem em identidade e propósito. Ele é o autor das impactantes imagens da seção Aventura.

Performer, palestrante e curadora brasileira dedicada à conscientização ambiental e à preservação do oceano, **Bárbara Veiga** é uma artista múltipla. Ao longo de mais de 25 anos, ela embarcou em viagens notáveis, colaborando com organizações internacionais renomadas, como Greenpeace, Sea Shepherd, Amazon Watch e ILO, como ativista socioambiental. Autora do livro *Sete Anos em Sete Mares*, compartilha suas experiências transformadoras na defesa de florestas e oceanos em mais de 85 países. Ela divide suas aventuras nas imagens do Ensaio.

Empreendedora e especialista em viagens de luxo, **Teresa Perez** é um dos nomes mais conhecidos e respeitados quando o assunto é viajar. Com a paixão por viagens iniciada em jornadas realizadas na infância com a sua família, em 1991 ela fundou a agência de viagens que leva seu nome. Pioneira no mercado de viagens personalizadas, tornou-se uma referência maior no setor de viagens de alto padrão no Brasil. Na Crônica desta edição, Teresa conta a história que moldou a sua alma de viajante.



SUBA A SERRA E VIAJE NO TEMPO

Além da paisagem que inspira paixões e desafia trekkers, a Serra Fluminense guarda as melhores lembranças do Império

POR LUIZ MACIEL

Poucos lugares são tão acolhedores no Brasil quanto essa linha de montanhas a 68 km do Rio de Janeiro e a 450 km de São Paulo, capaz de abraçar viajantes dos mais diversos perfis.

Casais em lua-de-mel – ou que viajam sem filhos em busca de reacender a velha chama – encontram aqui um sem-número de pousadas que combinam, na medida exata, conforto com vista privilegiada para a natureza e o quentinho de uma lareira com uma boa oferta de vinhos. Já para as famílias que visitam a Serra Fluminense, a atração imbatível é voltar aos idos do Segundo Reinado, explorando o Museu Imperial e o Palácio de Cristal – a requintada estufa onde a princesa Isabel cultivava suas hortaliças. O museu, que reúne relíquias como o cetro de sagração de Dom Pedro I e a coroa de Dom Pedro II, está instalado no antigo palácio de verão, o adorado refúgio da família imperial para escapar do calor carioca.

A região é famosa, ainda, pelos 200 km de trilhas de caminhada sinalizadas, de vários níveis de difi-

culdade – a mais desafiadora, de 30 km, exige três dias para cruzar o Parque Nacional da Serra dos Órgãos, com a indispensável presença de um guia.

São três os núcleos urbanos da Serra Fluminense – Petrópolis, Teresópolis e Nova Friburgo –, cada um deles com alentados pacotes de atrações. Juntos abrangem uma população de 700 mil moradores, distribuída em uma área de 2,5 mil quilômetros quadrados, cortada por um rosário de estradas – a maioria sem pavimentação – e riachos. As melhores pousadas e restaurantes ficam em distritos bucólicos, longe do burburinho das cidades. Por isso mesmo, para explorar a serra por inteiro é recomendável ter à mão um carro mais robusto, que não estranhe o caminho, como um Mitsubishi 4x4.

DE PEDRO A SANTOS DUMONT

Petrópolis, a maior cidade da região, é sede do Museu Imperial, do Palácio de Cristal e de outras construções históricas, estas já ancoradas no



Acima, em sentido horário, o Mitsubishi Eclipse Cross HPE Black, trilha nas montanhas de Nova Friburgo e a Catedral de São Pedro de Alcântara, em Petrópolis. Na página ao lado, vista aérea da Serra dos Órgãos, em Teresópolis

século XX, como a casa de arquitetura peculiar que pertenceu a Santos Dumont e o antigo hotel-cassino Quitandinha, que nos anos 1940 foi o mais luxuoso do país e hoje abriga um condomínio e um centro cultural. Dica certa de pousada romântica em Petrópolis é a Quinta da Paz, no distrito de Itaipava, que mimma os hóspedes com três restaurantes e uma adega com 1,5 mil rótulos de vinho.

Teresópolis, a 55 km de Petrópolis, concentra ainda mais pousadas bacanas para casais, como a Rosa dos Ventos, e também as mais estruturadas para receber famílias, como a Village Le Canton. É em Teresópolis ainda que fica um restaurante único no país, o Dona Irene, que remete a outro império – o dos czares russos. Fundado por um casal que fugiu do país banido na Revolução de 1917, o Dona Irene hoje é tocado por brasileiros, mas mantém o mesmo cardápio desde que abriu as portas, em 1964. O banquete, reservado com antecedência (use o zap 21/97149-1952), inclui arenque defumado, *borscht* (a tradicional sopa de beterraba), o inevitável estrogonofe (sem creme de leite) e uma profusão de entradas frias e sobremesas calóricas.

Já Nova Friburgo, embora menos badalada, também é repleta de delicadezas, como as várias lojas de queijos, chocolates e geleias caseiras. Além disso, oferece a vista mais abrangente da região – e a mais linda, segundo os montanhistas que já chegaram ao cume do Pico Maior, com 2.316 m, o ponto culminante da serra.

QUANTO MAIS FRIO, MELHOR

A Serra Fluminense ganha ares de uma estação suíça no inverno, por isso é mais concorrida nesse período. No outono e na primavera, os dias são luminosos, a paisagem, mais colorida, e as noites ainda frias, embora não congelantes. Viajar na meia-estação é uma boa escolha, até porque os preços são mais camaradas. Já no verão as tarifas voltam a subir e o forte calor pode trazer chuvas pesadas. 📍

FOTOS ISTOCK E DIVULGAÇÃO

C6BANK

APRESENTA

360º

Grandes encontros na natureza plena da Wild Coast, a Grã Bretanha sobre trilhos, Anantara faz sua estreia na Índia, um refúgio para dois na Riviera Maia, o novo pequeno notável de Paris, glamping no altiplano andino, minimalismo para exaltar a exuberância da Costados Corais, a ousadia vibrante do novo Six Senses Milã, Mykonos ainda mais trend e uma vivência em meio à fauna indiana

POR NATHALIA HEIN



Continue viajando nas nossas dicas 360º

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse revistaunquiet.com.br/dicas



GWEGWE BEACH LODGE

Entre rios cristalinos, falésias dramáticas e o mar infinito da Wild Coast, no extremo leste da África do Sul, o GweGwe Beach Lodge é um retiro raro, onde luxo e regeneração caminham lado a lado. Instalado dentro da Reserva Natural de Mkambati, um dos três *hot spots* de biodiversidade do país, o *lodge*, parte do portfólio do grupo Natural Selection, ocupa uma concessão de 5 mil hectares em terras que pertencem, com orgulho, às comunidades Mpondo. Um modelo de turismo exemplar: aqui cada estadia sustenta a conservação ambiental e o desenvolvimento social das comunidades. A estrutura do *lodge* foi pensada para desaparecer na paisagem, sem abrir mão do conforto absoluto. Todas as suítes têm vista para o Oceano Índico e foram erguidas com materiais de baixo impacto, energia solar e a utilização apenas de madeira de espécies invasoras. A decoração faz referências à cultura local e à história milenar do território. O restaurante privilegia ingredientes frescos e vinhos sul-africanos, e a programação abraça o *slow travel*: como a reserva é livre de animais perigosos, os hóspedes são incentivados a explorar, a pé ou de bike, trilhas entre antílopes, remadas até cachoeiras escondidas, mergulhos em piscinas naturais e encontros com golfinhos e baleias. Tudo sem pressa.

naturalselection.travel





BRITANNIC EXPLORER

Entre penhascos, jardins secretos e vilarejos de pedra, o Britannic Explorer surge como uma nova maneira de atravessar o tempo e o território da Grã-Bretanha. Primeiro trem-leito de luxo da Inglaterra e do País de Gales, a experiência do grupo Belmond propõe um ritual de viagem sobre trilhos em que cada curva do caminho revela um país reinventado pelo olhar do viajante. A bordo, tudo remete às paisagens exploradas: na decoração de vagões e suítes, os verdes suaves evocam pradarias sob a neblina e os tons oceânicos fazem referência ao litoral. Já as Grand Suites são pequenos santuários, onde o conforto absoluto encontra o silêncio necessário para a contemplação. O bar, inspirado nas boticas vitorianas, foi concebido para brindes, encontros, histórias e coquetéis que parecem saídos de um romance de época. Mas é fora dos trilhos que a viagem ganha alma e contornos pulsantes: as paradas são desenhadas para provocar o olhar e os sentidos – caminhadas por vales galeses, almoços à beira de falésias, imersões artísticas e encontros culturais com as comunidades locais. Tudo com a assinatura da Belmond, que promete transformar a travessia em destino.

belmond.com

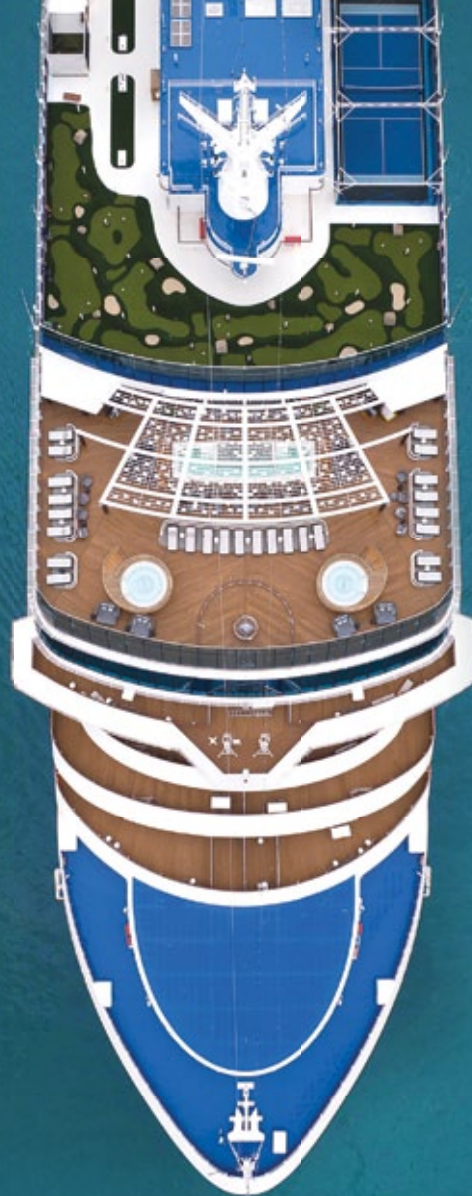


Quem espera mais de um Banco merece o BTG Pactual.

Sabia que o BTG Pactual é um Banco completo? Aqui você conta com atendimento 24x7, cartão de crédito com acesso a mais de mil salas VIP, terminal exclusivo e cashback do IOF em suas viagens. Tudo isso na Melhor Plataforma de Investimentos, eleita pela FGV.



*O BTG Pactual foi vencedor da categoria Plataformas (Varejo e Alta Renda) no ranking Melhor Banco e Plataforma para Investir (MBPI) da FGV em 2024.



Allura.
O SEU MUNDO *está* CHAMANDO.

Vivencie a evolução contínua
da Oceania Cruises.



OCEANIA
CRUISES®
YOUR WORLD. YOUR WAY.®

YOUR WORLD INCLUDED™

Restaurantes de Especialidade

Serviço de Quarto

WiFi Ilimitado

Refrigerantes, Cafés especiais e Chás

Água com e sem gás Vero Water

Sucos, Smoothies e Sorvetes Gourmet

Aulas de ginástica em grupo

Serviço de lavanderia

Taxas de Serviço

UM BENEFÍCIO DE ATÉ US\$300 POR DIA*

ACESSE **OCEANIACRUISES.COM** OU CONTATE SEU **AGENTE DE VIAGENS**



THE FINEST CUISINE AT SEA®. ITINERÁRIOS PREMIADOS. NAVIOS PEQUENOS E LUXUOSOS.

Termos, condições, restrições e controle de capacidade se aplicam. Acesse OceaniaCruises.com para ver os termos completos.



ANANTARA JEWEL BAGH JAIPUR

À sombra do Forte Amber, na quietude dos arredores de Jaipur, o Anantara Jewel Bagh faz uma viva homenagem à herança rajaputra. O hotel ocupa uma posição estratégica entre a tradição e a modernidade, num bairro em crescimento, que começa a atrair a atenção com eventos e iniciativas culturais. Primeira propriedade da marca Anantara na Índia, o hotel traduz em sua arquitetura a alma do Rajastão: *jharokas* esculpidas, mármore de Makrana, pedras douradas de Jaisalmer e madeiras locais criam ambientes que equilibram grandeza histórica e elegância contemporânea. O compromisso com a comunidade e a sustentabilidade é um dos pilares da operação. O empreendimento promove experiências imersivas, conduzidas por moradores – como aulas de culinária com receitas de família, passeios com mulheres em riquixás elétricos e visitas a centros de artesanato. Parcerias locais também possibilitam excursões a centros dedicados ao resgate de elefantes, com uma abordagem ética e comprometida com o bem-estar dos animais. No restaurante Sheesh Mahal, antigas receitas dos palácios do Rajastão voltam à cena em formato de tapas, acompanhadas por coquetéis *signature*. No spa, a sabedoria aiurvédica se une à tradição tailandesa (o DNA da marca hoteleira), em um espaço de serenidade absoluta.

anantara.com

UNQUIET APRESENTA



VICTORINOX



Viagem com design

A nova linha Airox Advanced, da Victorinox, leva o espírito do canivete suíço à sua bagagem

Se o canivete suíço é um símbolo de funcionalidade e robustez, imagine esses mesmos valores aplicados à sua bagagem. Assim nasce a Airox Advanced, a nova coleção premium da Victorinox. Ela foi criada para acompanhar os desafios do dia a dia – e, claro, as necessidades de viagem e deslocamento. Ideal para o viajante que valoriza uma bagagem leve, a coleção integra o portfólio de malas rígidas da marca e traz peças com acabamento fosco nas cores preto, Storm – uma das novas tonalidades principais da Victorinox – e Stone White. O já conhecido design canelado reforça a identidade da linha.

As malas contam com um sistema de alça telescópica dupla, montado externamente e projetado para oferecer conforto, estabilidade e melhor aproveitamento do espaço interno. Por não invadir o compartimento principal, esse tipo de construção permite que o volume seja mais bem aproveitado, especialmente em viagens que exigem uma organização eficiente. A abertura em estilo borboleta, com duas divisórias, facilita a arrumação dos dois lados da mala, e sem que os painéis de malha atrapalhem o manuseio dos itens. O interior pos-

sui um forro leve com tratamento antimicrobiano, uma malha prateada e detalhes vermelhos – elementos que expressam a atenção da marca aos detalhes. Uma tala inspirada no canivete do exército suíço aparece no painel traseiro e permite uma personalização discreta.

Além disso, as malas estão prontas para qualquer imprevisto. Preciso de mais espaço? As peças podem ser expandidas em dois níveis – 4 cm ou 1,5 cm –, oferecendo mais flexibilidade sem comprometer o equilíbrio ou a integridade da estrutura. Para uma jornada sem estresse, o bolso TrackSmart permite saber sempre onde está sua mala, perfeitamente integrado ao corpo da bagagem para garantir uma viagem mais segura. A tecnologia proporciona o rastreamento em tempo real, ideal para aeroportos, conexões apertadas ou qualquer deslocamento mais intenso. Já a alça de tubo duplo, com tecnologia montada externamente, assegura manobrabilidade fácil, aliada ao conjunto de rodas silenciosas e resistentes. A linha inclui modelos de bordo, médio e grande, com garantia global de até dez anos. 📍

victorinoxstore.com.br



40 anos comemorando a natureza

Ao celebrar quatro décadas, o Tivoli Ecoresort Praia do Forte confirma a excelência com os hóspedes e o compromisso indiscutível com a sustentabilidade



LA CASA DE LA PLAYA

Entre a selva maia e o mar turquesa do Caribe, o novo hotel boutique do Grupo XCaret tem como proposta o luxo que sussurra, não grita: íntimo, “descalço” e cheio de personalidade em Playa del Carmen. São apenas 63 suítes (à beira-mar, cada uma com piscina privativa e mais de 100 m²) e a prerrogativa de aceitar apenas adultos. O ambiente é essencialmente romântico: algumas vilas contam com sua própria sala de spa. A arquitetura de David Quintana usa pedras locais, linhas orgânicas e vegetação nativa para integrar construção e paisagem, criando o que ele chama de “escultura viva”. O projeto é profundamente enraizado nos valores da terra: sustentabilidade, cultura e beleza compartilhadas. O uniforme da equipe, criado pela estilista Carla Fernández, é feito com têxteis de comunidades indígenas, transformando o cotidiano em arte. Mergulhos noturnos em rios subterrâneos, jantares à luz de velas em cenários naturais e rituais de cura no Muluk Spa compõem uma rotina sem pressa. Na gastronomia, *chefs* como Martha Ortiz e Virgilio Martínez conduzem experiências sensoriais, que homenageiam o México profundo. Há ainda uma biblioteca com vista para o mar e uma loja de arte.

lhw.com

A Praia do Forte é um destino diferente sob a perspectiva de um hóspede do Tivoli Ecoresort. Desde a sua concepção, um projeto visionário de sustentabilidade idealizado pelo empresário Klaus Peter no final dos anos 1960, passando por sua inauguração, em 1985, até hoje, ao comemorar 40 anos, o resort manteve em seu DNA conceitos que definiram o vilarejo baiano. Quem vivencia o dia a dia no hotel vai perceber um projeto totalmente integrado à natureza, que é protagonista todo o tempo: o mar, os coqueiros, a vegetação e a fauna sempre vêm em primeiro lugar. Também vai notar que a programação típica de um “resort de praia” aqui ganha nuances diferentes, o balanço ideal entre o lazer frugal e o consciente.

As propostas, nesse caso, variam entre os diversos projetos apoiados ou capitaneados pelo hotel. Diariamente, os hóspedes são convidados a novas experiências, que podem incluir uma visita ao meliponário Pólen Dourado (um santuário dedicado a 16 espécies de abelhas nativas sem ferrão), aos mundialmente respeitados projetos Tamar e Baleia Jubarte ou ao projeto Conecta Vidas, que atua na proteção de duas espécies ameaçadas de extinção, a

preguiça-de-coleira-do-nordeste e o ouriço-preto. Em qualquer um dos casos, os participantes contarão com atividades interativas, diversão com educação ambiental e a emoção perene de vivenciar a natureza de forma plena e correta, como os guias e biólogos do Tivoli fazem questão de apontar.

Para além dos tantos aprendizados, sempre envolvendo a comunidade e baseados nos conceitos mais sérios de sustentabilidade, as experiências são as melhores memórias de férias em família: gastronomia típica, saborosa e farta nos restaurantes do resort, com a baianidade presente em cada receita, estrutura de ponta para esportes náuticos, aquáticos e terrestres, acomodações frescas, arejadas, elegantes e sem ostentação, mas medidas pelo luxo essencial, e o extraordinário Anantara Spa, um universo à parte no hotel, com tratamentos que inserem a cultura asiática em solo baiano. O Ritual 40 Anos, criado pelo Spa exclusivamente em celebração ao aniversário do hotel, revela em uma jornada sensorial única a essência natural da Bahia. Inesquecível! 📍

tivolihotels.com



A bordo e a cores

Uma ode à escrita em uma imersão no universo lúdico de Wes Anderson, com os instrumentos de escrita da Montblanc

TEXTO E FOTOS VICTOR COLLOR

Existe algo profundamente simbólico em escrever à mão. Não apenas pelo gesto em si — o deslizar da caneta no papel, o tempo que exige, o corpo que participa, ainda mais pela pausa tão necessária nos dias de hoje. Tudo isso nos convida à introspecção. Foi com esse espírito que embarquei, literalmente, na mais recente experiência imersiva promovida pela Montblanc. A bordo de um trem saindo da Milano Centrale com destino à estação Squadra Rialzo Milano, em uma viagem de trem imaginada por Wes Anderson e suas cores características. A jornada conduziu não apenas a um evento, mas a um universo no qual a escrita e a criatividade são tanto o destino quanto o caminho. Afinal, o que vale é a jornada entre os pontos.

A ocasião era o lançamento do curta-metragem *Let's Write*, o segundo capítulo da colaboração entre a centenária marca alemã e o diretor Wes Anderson. E, como tudo o que leva sua assinatura, o filme não é apenas uma narrativa, mas uma composição visual rica, com toques de humor e reflexões sobre o ato de escrever como metáfora para o autoconhecimento. Ao lado de Rupert Friend, Michael Cera e do próprio Anderson, os personagens atravessam paisagens oníricas em busca de inspiração — ou talvez apenas de silêncio.

A Estação Montblanc, montada em uma ala histórica da Estação Central de Milão, foi transformada em um saguão de embarque imaginário, com painéis, bagagens e iluminação que evocavam o universo estético do curta. Era como estar dentro de uma cena dirigida por Anderson — só que com taças de espumante, flashes e convidados de muitos lu-



Estação Montblanc reúne convidados em área da famosa Milano Centrale



Nova linha de produtos é inspirada na campanha *Let's Write*



gares do planeta. Entre eles estavam embaixadores globais da marca, como Daniel Brühl e Joey King, e o codiretor Roman Coppola, parceiro habitual de Anderson. Para mim, como fotógrafo, o cenário estava pronto sem pôr nem tirar.

Após a exibição do filme da campanha, algo que ninguém esperava veio à tona: a primeira apresentação de moda da Montblanc. Os modelos emergiram dos vagões ao som de uma música dramática, usando jaquetas de couro que reimaginam, em forma e função, a escrivania do escritor com bolsos para os icônicos tinteiros, cadernos, costuras inspiradas em folhas pautadas e tudo que envolve o universo da escrita. Criadas por Marco Tomasetta, diretor artístico da Montblanc, as peças integram uma coleção cápsula que faz da escrita algo que possa ser usado no dia a dia, também apresentado nos novos modelos de bolsa e malas de couro da marca.

Não é coincidência. Desde sua chegada à maison, em 2021, Tomasetta mergulhou nos arquivos da marca e se debruçou sobre a simbologia da escrivania como um lugar de criação e contemplação. Essa atenção ao detalhe — que não é apenas visual, mas conceitual — faz da coleção algo mais do que apenas moda. É uma declaração: escrever continua sendo relevante, necessário e belo.

Ao caminhar entre os vagões e os convidados, percebi que a Montblanc não está interessada ape-

nas em vender produtos, mas em criar narrativas. Está nos lembrando de que a escrita tem poder — não apenas para registrar o mundo, mas para imaginá-lo de outro jeito. Isso fica evidente em todo o projeto da campanha *Let's Write*. Além do filme e do desfile, ela inclui fotos assinadas por Charlie Gray e uma nova linha de produtos que parecem saídos do cenário do curta: a bolsa Writing Traveler, a caneta-tinteiro Schreiberling (projetada por Anderson) e até um relógio de bolso, que leva a assinatura Minerva, uma marca suíça que foi incorporada pela Montblanc.

Essa seja talvez a maior ousadia da marca. Em vez de seguir o roteiro previsível das campanhas de luxo, ela aposta em poesia, arte e humor. Stephanie Radl, diretora de comunicação da Montblanc, resumiu bem a proposta: “Queremos inspirar a criatividade em todas as suas formas e encontrar novas maneiras de contar histórias”.

Na era dos algoritmos e da velocidade, o convite para desacelerar, escrever e imaginar não poderia ser mais atual. Ao deixar a estação naquela noite — ainda com a trilha e toda aquela fotografia —, senti que havia vivido algo único. Não um evento, mas um parágrafo inteiro de uma história que ainda está sendo escrita por todos nós... com caneta, papel e presença. 📍

montblanc.com.br



HOTEL AUBÉPINE

Uma região que flerta com a elegância e a discrição, o 6º Arrondissement é a morada de um novo e surpreendente segredo da hotelaria de Paris. Na imperturbável Rue de Seine, no coração de Saint-Germain-des-Prés, o Aubépine revela uma elegância serena, que combina perfeitamente com o charme intelectual e a alma boêmia do bairro. Cercado por galerias, cafés históricos e antiquários, o hotel tem apenas nove acomodações – seis quartos e três suítes –, com a proposta de uma estética inspirada em *cottages*, as casas de campo inglesas, com o uso de tecidos naturais, luz suave e móveis sob medida, que sussurram conforto e distinção. Todos os detalhes, dos tons delicados ao silêncio preservado, cultivam uma experiência rarefeita, quase doméstica, mas com a precisão de um serviço impecável. Sem ostentação, o Aubépine valoriza o essencial: um pequeno bar, atendimento personalizado sob demanda (seja uma massagem no quarto, seja um chofer privado) e um concierge sempre pronto para sugerir caminhadas até o Sena ou visitas a museus e livrarias próximos. Um retiro íntimo, onde o luxo reside no tempo desacelerado, mas perto do melhor da Cidade Luz.

hotelaubepineparis.com

UNQUIET APRESENTA



O Sorriso do Caribe

Puerto Plata se destaca na Costa Âmbar e consolida a República Dominicana como um polo de hospitalidade e hub de cruzeiros

Na República Dominicana, a hospitalidade vai além do slogan. Está no gesto e no calor humano que cada visitante recebe. É essa a essência que inspira a campanha “A Dominicana lhe sorri”, promovida pelo Ministério do Turismo (Mitur) e que encontra em Puerto Plata sua expressão genuína. Localizada na região norte, na chamada Costa Âmbar, a cidade reúne praias douradas, patrimônio histórico, natureza exuberante e uma infraestrutura turística em expansão.

Conhecida como “la Novia del Atlántico”, Puerto Plata é considerada o berço do turismo dominicano. Seu cenário combina mar, cachoeiras montanhas, rios cristalinos e vales férteis, onde se cultivam cacau e café de alta qualidade. Um dos lugares imperdíveis são as praias de Cabarete, famosas mundialmente pela prática de *kitesurf* e *windsurf*. Outro destaque é o teleférico que leva ao topo da Loma Isabel de Torres, um parque natural com vistas panorâmicas e trilhas ecológicas.

Além das paisagens, a Costa Âmbar cresce de forma sustentável, com iniciativas comunitárias e a valorização do patrimônio local. Esse compromisso é reforçado pela expansão da infraestrutura aérea e marítima do país, que conta com oito aeroportos internacionais,

incluindo o de Puerto Plata. Aliás, a Copa Airlines terá três voos semanais para a localidade a partir de janeiro.

No mar, a evolução é ainda mais notável. A República Dominicana se tornou o destino com maior número de portos de cruzeiros do Caribe. Puerto Plata abriga o Amber Cove, um terminal inaugurado em 2015, com capacidade para até três navios simultâneos e 14 mil passageiros. Em 2024, a República Dominicana recebeu 825 escalas de cruzeiros, somando mais de 2,6 milhões de visitantes. O governo ainda firmou um acordo estratégico com a Florida-Caribbean Cruise Association (FCCA) para criar novos roteiros, qualificar mão de obra local e expandir a capacidade portuária, incluindo dois novos terminais até 2026.

Com esse avanço, o país se consolida como *hub* de cruzeiros no Caribe e amplia as oportunidades para os viajantes de alto padrão. A união entre hospitalidade, história, natureza e conectividade faz de Puerto Plata e da Costa Âmbar destinos que cativam não apenas pela beleza, mas pelo sorriso genuíno de seu povo — o verdadeiro cartão de visitas da República Dominicana. 📍

godominicanrepublic.com



UNQUIET APRESENTA

desde 1843
abreu

visit Algarve
Portugal



Algarve à beira-mar

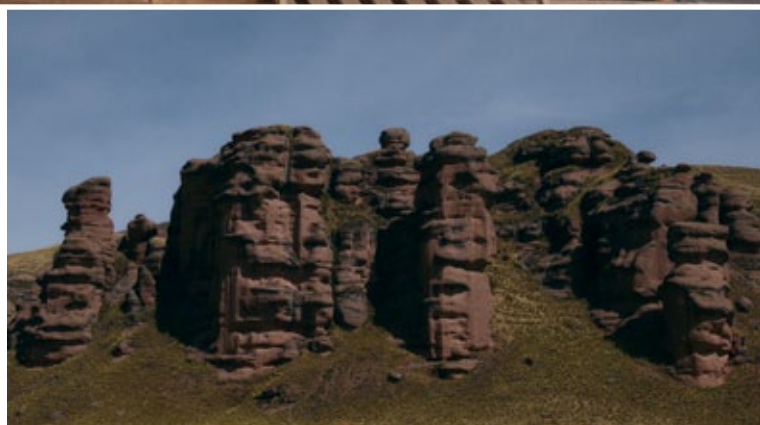
Essa região do sul de Portugal tem 300 dias de sol, 100 praias, quatro áreas vinícolas e dez estrelas Michelin



TINAJANI

Entre as rochas vermelhas do remoto Cânion Tinajani, a mais de 3.800 m de altitude, o novo *glamping* da rede peruana Andean, reconhecida por hospedar com pertencimento e identidade, é um refúgio que honra a paisagem e seus guardiões ancestrais. Instalado em uma reserva privada entre Cusco, Lago Titicaca e Vale do Colca, o Tinajani oferece apenas seis núcleos exclusivos – cada um com duas tendas elegantemente montadas sobre plataformas de madeira: uma para descanso, com cama king, tecidos naturais e aquecimento, e outra para o convívio. No deck, uma tina de água quente convida a um banho sob as estrelas, que parecem ao alcance das mãos. A experiência é imersa na espiritualidade andina, com trilhas por paisagens sagradas e rituais conduzidos por moradores que carregam em si a ancestralidade. Mais que hospedagem, o acampamento celebra a herança indígena com experiências sensoriais e espirituais, da culinária à conexão com a terra. Eis o verdadeiro conceito de luxo essencial no altiplano andino.

tinajani.pe



Pode ser uma viagem a dois, férias em família ou uma jornada com amigos. O Algarve é um convite para desacelerar e aproveitar cada momento. Reconhecida dez vezes como o Melhor Destino de Praia da Europa nos World Travel Awards, essa região no sul de Portugal oferece mais de 300 dias de sol por ano, cerca de 100 praias, vinhos premiados e uma das gastronomias mais celebradas do continente.

Na culinária, o Algarve valoriza a pureza dos ingredientes e a riqueza da dieta mediterrânea. Nos mercados de Olhão e Loulé, os aromas e as cores dos produtos locais encantam os visitantes e antecipam a experiência que se desdobra nos restaurantes. Em cozinhas premiadas, o sabor tradicional ganha interpretações criativas, elevadas por técnicas contemporâneas e por um profundo respeito à identidade local. São oito restaurantes estrelados pelo *Guia Michelin* — dez estrelas no total —, que oferecem verdadeiras experiências sensoriais.

Com mais de 3 mil horas de sol por ano e sob a

suave influência atlântica, a região reúne condições ideais para a produção vitivinícola. Suas quatro denominações de origem — Lagos, Portimão, Lagoa e Tavira — abrigam vinícolas que valorizam o replantio de castas locais, como Negra Mole e Castelão, ao lado da adaptação de variedades internacionais, como a Syrah. Somem-se a isso experiências de enoturismo de alta qualidade e você terá uma viagem completa.

Para aproveitar o melhor do Algarve, a Abreu Viagens é a sua parceira ideal. Com 185 anos de tradição, a operadora oferece curadoria especializada e um portfólio completo de serviços. Entre eles, hospedagem nos mais renomados hotéis da região, como Vila Vita Parc Resort, Conrad Algarve, Tivoli Carvoeiro, W Algarve, Pine Cliffs e Vidamar. Além disso, ela disponibiliza *transfers* confortáveis, passeios personalizados e roteiros sob medida. Uma forma segura e sofisticada de explorar o melhor do sul de Portugal! 📍

abreutur.com.br



MAHRÉ HOTEL

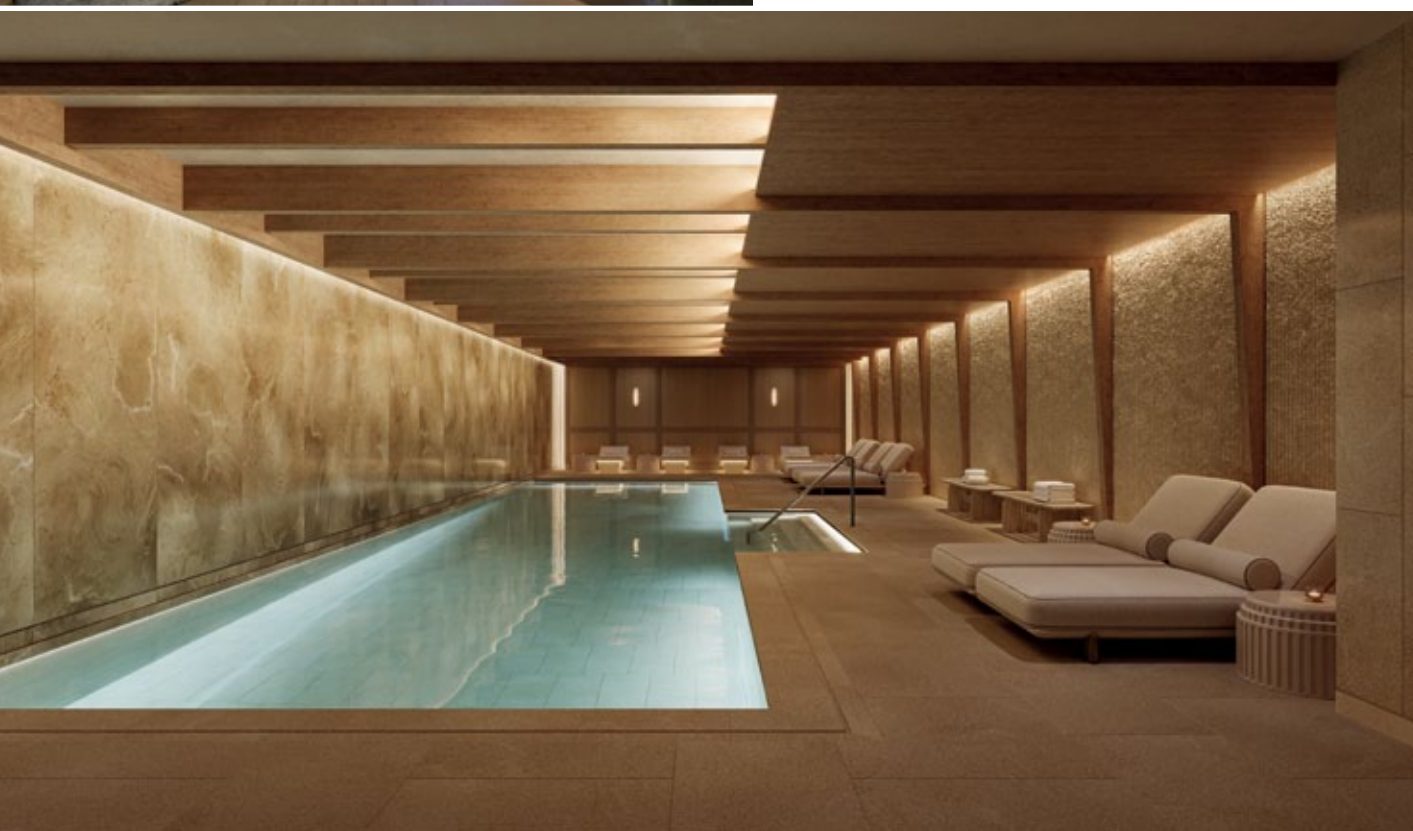
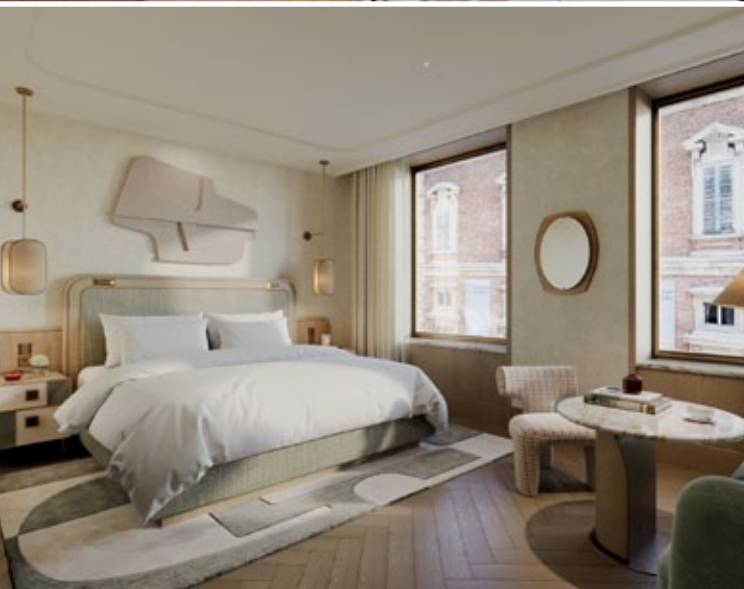
À beira das piscinas naturais de São Miguel dos Milagres e emoldurado em mangue nativo, o Mahré Hotel traduz uma nova estética de sofisticação na Costa dos Corais, como é conhecida a região do litoral alagoano. Idealizado pelo escritório Agra e Lemos, com consultoria de João Armentano e paisagismo de Tatiane Macêdo, esse projeto minimalista valoriza o silêncio, a matéria local e a integração plena com a natureza. Os 30 bangalôs, de concreto, abrigam interiores calorosos, chuveiros sob claraboias e piscinas privativas e se distribuem entre coqueiros, lago e mar, oferecendo privacidade e conforto absolutos. A marcenaria local, a presença de artesãos e o uso de mobiliário autoral reforçam o compromisso com a comunidade e a cultura alagoana. O restaurante Tahí, sob o comando do *chef* Rafa Gomes, e bares com drinques da mixóloga Isadora Fornari completam a experiência. Passeios de bicicleta pela praia, piqueniques entre árvores frutíferas, jantares na areia e massagens sob demanda compõem a cartografia sensorial do lugar.

mahre.com.br



Marisa Ribeiro

Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 929 - www.marisaribeiro.com.br - @marisaribeiro



SIX SENSES MILÃO

A ousadia de transformar uma das cidades mais vibrantes do mundo em um refúgio de bem-estar é um dos grandes feitos do recém-inaugurado Six Senses Milão, que eleva a hospitalidade urbana a um novo patamar de sofisticação e propósito. Instalado em um edifício histórico no coração do artístico bairro de Brera – reduto da cultura milanesa, da moda autoral e das galerias mais prestigiadas da cidade –, o hotel faz da autenticidade o seu ponto de partida. A arquitetura e o design celebram o *savoir-faire* italiano com maestria: mármore arabescato, latão antigo, vidros artesanais, tetos texturizados e mosaicos que remetem à elegância atemporal da cidade. As 68 acomodações – duas com piscinas privativas – são verdadeiros santuários urbanos, pensados para oferecer conforto absoluto e conexão com o espírito do lugar. O bem-estar tem seu templo em um spa de última geração, que oferece terapias de alta tecnologia e toques ancestrais, além de uma *sky pool* e um *rooftop bar* com vistas cativantes da cidade. A gastronomia ganha protagonismo no restaurante e *déli* da casa, onde ingredientes sazonais, cultivados por produtores locais e nas hortas urbanas da marca, ganham vida em criações que unem técnica contemporânea e identidade regional.

sixsenses.com

UNQUIET



Dicas diárias de viagens pelo mundo para quem gosta de aventura, gastronomia, esporte, arte, cultura, bem-estar e muito mais!

 @revistaunquiet
revistaunquiet.com.br

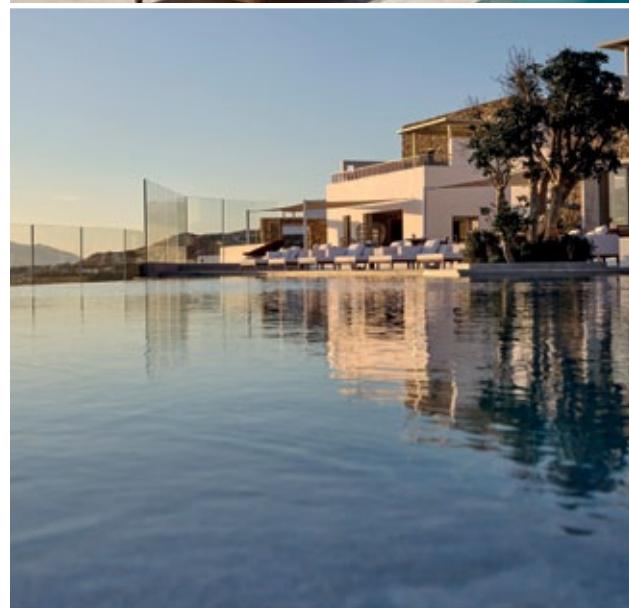




MYCONIAN DEOS

No alto de uma colina voltada para o Mar Egeu, com vista para os moinhos de vento de Mykonos e as ilhas de Delos e Tinos no horizonte, o Mykonian Deos é, desde a recente abertura, uma referência na ilha grega. Concebido para ser um refúgio contemporâneo, onde arquitetura, natureza e alma cicládica fluem em harmonia, o novo membro da Mykonian Collection foi esculpido para se confundir com a paisagem: pedras extraídas do próprio solo, vegetação nativa e espaços que se abrem entre interior e exterior. As suítes, com seu minimalismo cálido, revelam um novo conceito de luxo – nada de ostentação, mas pertencimento. Do interior acolhedor aos terraços privados, com piscinas ou *jacuzzi*, tudo convida a um estado de leveza radical e à preservação da intimidade dos hóspedes. No spa, óleos essenciais de ervas locais conduzem rituais que unem bem-estar e ancestralidade, e também alta tecnologia, com produtos da marca Augustinus Bader. No restaurante Epico, a cozinha grega é composta por ingredientes da estação, em menus que homenageiam o território. Outro ponto alto é a localização, em plena Mykonos Town, o centro da ilha. Cada momento da hospedagem pretende ser um convite à contemplação – e ao reencontro com o que realmente importa.

domcollection.com.br



TIPAI WILDLIFE LUXURIES

Às margens do santuário de Tipeswar, em Maharashtra, o Tipai propõe um refúgio onde o excesso encontra a simplicidade da terra. *Villas* de barro e pedra se abrem para horizontes em que tigres, leopardos e aves raras circulam em liberdade, enquanto caminhos conduzem a aldeias próximas, lugares de tradições agrícolas e artesanais que permanecem vivas. Erguido com técnicas ancestrais de construção, cada villa parece brotar da paisagem, em harmonia com as árvores e o silêncio da floresta. São apenas 11 *villas* e quatro residências, com piscinas privadas desenhadas para oferecer o conforto absoluto sem romper o equilíbrio natural: *bio-pools*, sem produtos químicos, tetos abobadados, que regulam naturalmente a temperatura, e vistas que se abrem para a vida selvagem. O espírito sustentável se reflete em cada detalhe — do reflorestamento de mais de 300 espécies nativas à captação de água da chuva, do uso de tecidos artesanais às práticas agrícolas que regeneram o solo. A gastronomia, conduzida pela *chef* Amninder Sandhu, é um encontro entre o fogo, os sabores regionais e a herança cultural, celebrada em espaços como o Palaash, iluminado por velas sob o céu estrelado. Trilhas guiadas por naturalistas, encontros com comunidades locais e o privilégio de observar a natureza local em seu habitat arrematam a experiência.

wildlifeluxuries.com





48 HORAS

A capital da metade do mundo

Histórica e tradicional, Quito proporciona uma viagem com a fusão das heranças dos povos pré-colombianos e da colonização espanhola

POR CORINNA SAGESSER

Quito, a capital do Equador, me surpreendeu muito. Marcada pela presença ainda latente dos povos pré-colombianos e pela herança da conquista espanhola, a cidade é rica em tradições e história. Fundada sobre as ruínas de uma cidade inca, é um Patrimônio da UNESCO desde 1978: seu centro histórico é um dos maiores e mais bem preservados exemplos de arquitetura colonial espanhola na América do Sul.

Pacari: durante o século XIX, o Equador foi importante no ciclo de exploração de ouro e também na produção de cacau, tendo sido o principal exportador mundial do produto por muito tempo. Durante minha estadia, os dias foram intensos e de muito aprendizado. Os programas, claro, incluíram

muitas lojas de chocolate. Na Pacari, eles utilizam o cacau amazônico produzido por pequenos agricultores, respeitando a tradição ancestral de cultivo. Os chocolates da marca já foram considerados os melhores do mundo, recebendo vários prêmios internacionais por sua qualidade e seu sabor.

Restaurante Nuema: o projeto culinário dos chefs Alejandro Chamorro e Pia Salazar tem como conceito mostrar a biodiversidade do país por meio da gastronomia contemporânea. O menu degustação utiliza produtos orgânicos da estação.

Igreja da Companhia de Jesus: no centro histórico, essa igreja jesuíta é uma obra-prima do barroco espanhol, ricamente decorada com ouro. A construção começou em 1605 e levou 160 anos para ser concluída.



Acima, em sentido horário, o pátio e a fachada do hotel Casa Gangotena, o Monumento Mitad del Mundo, pratos do restaurante Nuema, peças do Museo Casa del Alabado e chocolates da famosa Pacari. Na página ao lado, o interior ricamente adornado da Basílica de San Francisco

Museo Casa del Alabado: o museu de arte pré-colombiana está situado em uma das casas mais antigas da cidade. A coleção é composta de mais de 5 mil peças, entre artefatos para cerimônias e utensílios feitos de cerâmica, pedra, conchas, tecido e madeira, todos materiais utilizados no dia a dia pelos povos que viveram no Equador entre 7 a.C. e 1530.

Basílica e Convento de San Francisco: também no centro histórico, o lugar reúne uma arquitetura marcada por diferentes estilos, combinados ao longo dos 150 anos de sua construção. No interior, encontram-se mais de 3,5 mil obras de arte colonial. O complexo também inclui um convento, onde o destaque é a beleza do claustro principal.

Monumento Mitad del Mundo: localizado a 13 km de Quito, o lugar é um marco na passagem da linha do Equador. Ao chegar a esse ponto, é possível colocar um pé em cada hemisfério e viver a divertida experiência de estar nos dois lados do planeta ao mesmo tempo.

Casa Gangotena: o charmoso hotel boutique, chancelado pela Relais & Châteaux, tem uma ótima localização, bem no centro histórico e perto das principais atrações. Ele ocupa a casa que pertencia a uma importante família de Quito e mantém seu estilo e sua decoração originais. Aos hóspedes são oferecidos passeios pelos segredos mais bem guardados da cidade, em programas exclusivos. O restaurante é um dos top dez de Quito e proporciona uma gastronomia baseada em técnicas ancestrais e na cozinha tradicional, com ingredientes provenientes de pequenos produtores. 📍

SUSTENTABILIDADE

Educação que refloresta sonhos

Como a Fundação Almerinda Malaquias, no coração da Amazônia, está semeando conhecimento e pertencimento às margens do Rio Negro

POR CAROLINA SAGESSER RODRIGUES
FOTOS RICARDO THOMAZ



Para que uma floresta devastada renasça e finque suas raízes, certos elementos precisam estar presentes. É preciso plantar a semente, germiná-la, garantir que diferentes espécies coexistam e se integrem e acompanhar seu crescimento ao longo do tempo – até que, enfim, suas bases encontrem solo firme. Não é uma tarefa fácil, tampouco linear: exige cuidado, presença e escuta, dia após dia. Mas os frutos maduros colhidos ao longo do processo anunciam que esse é o caminho a ser trilhado.

O resgate de uma cultura apagada por séculos segue uma lógica semelhante. Estímulos são vitais para reacender a conexão com o passado, esforços são essenciais para despertar o senso de pertencimento e reconhecer a existência de outros modos de vida é indispensável para construir o próprio lugar no mundo. Por fim, é preciso coragem para co-

meçar – e confiança no processo, instável e longo como todo ciclo vivo. Porque, assim como na floresta, os frutos só amadurecem quando há tempo, diversidade e dedicação.

Essa é hoje uma raridade no planeta Terra, onde os seres parecem achar mais valente o silenciamento identitário do que o empoderamento de expressões distintas. Mas clareiras ainda permitem que a luz toque o chão, assim como existem pessoas e projetos que entenderam que a criação de vínculos é mais rica do que a imposição de uma identidade única e dedicam suas vidas para reerguê-las e incluí-las.

CONSCIÊNCIA E EDUCAÇÃO

É o caso da Fundação Almerinda Malaquias, liderada atualmente pelo empresário Ruy Tone, no nordeste do estado do Amazonas. Após anos viajando o mundo e conhecendo iniciativas de desenvolvimento so-



Acima, escola da Comunidade da Cachoeira e, ao lado, Ruy Tone com os alunos na hora da merenda



cial e educação ambiental acopladas ao turismo, Ruy escolheu o município de Novo Airão para investir no setor. Lançou a Expedição Katerre em 2004, operadora de experiências fluviais, construiu o inovador hotel Mirante do Gavião e, posteriormente, uniu-se à já estruturada FAM para fomentar o conhecimento dos mais de 15 mil habitantes da cidade.

A área de Novo Airão tem o tamanho do território da Suíça e inclui 50 comunidades, que se dividem entre ribeirinhas, indígenas e quilombolas. Nos roteiros criados pela Katerre, que partem rumo ao baixo e médio Rio Negro, a visita a algumas delas figura entre as vivências mais marcantes, atestada tanto pela alegria de seus moradores em compartilhar costumes e saberes quanto pelos viajantes, que se transportam para uma realidade completamente diferente da sua e regressam com a consciência expandida.

Porém muitos desses povos tiveram suas origens apagadas durante a colonização e o ciclo da borracha. Mais recentemente, devido à dificuldade de acesso e à escassez de infraestrutura, a educação (um direito de todas as crianças) vinha sendo tra-

balhada sem a atenção devida, resultando em escolas deterioradas e um ensino fragilizado. Foi então que, em 2021, nasceu, da inquietude de Ruy (em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e doadores privados), o Projeto Educação Ribeirinha, com o objetivo de fortalecer e potencializar a educação básica ao longo das 23 escolas da região.

O projeto consiste em três fases: construir ou reformar escolas, capacitar os professores e promover o intercâmbio entre os educadores. Iniciar pela infraestrutura é uma forma de devolver dignidade aos mais de 750 alunos. “Isso dá ânimo para que eles estudem com mais alegria”, comenta a professora Adriane, do povoado do Tambor. As novas estruturas, com design sustentável do Atelier Marko Bradjovic, inspiram-se nas construções regionais: base elevada, estrutura e fechamentos de madeira, finalizados por mão de obra local. São edificações imponentes, o que confere ainda mais valor à educação.

Outro fator importante na história é a criação de áreas de preservação, como o Parque Nacional do Jaú. Por um lado, a proteção do pulmão do mun-



do é imprescindível para a saúde do planeta. Por outro, foi o que fez centenas de pessoas serem realocadas de seus territórios. Povos que se relacionam tão profundamente com a floresta e os seus familiares que não conseguem se desvincular dela, além do receio de viver na cidade. “Há três problemas difíceis. Um é a moradia. Outro é o emprego. Tudo precisa de dinheiro. E o terceiro são as famílias grandes, com 12, 13, 14, 15 membros, em que existe o risco da droga. Aqui não tem esse produto.” Explica José Alberto, presidente do Tambor – a mais remota, onde a maior parte das pessoas se instalou, resultando em mais de 80 moradores atualmente.

O Tambor, inclusive, foi o destino final da Visitação Ribeirinha, uma expedição inédita da Katterre. Ao todo, foram mais de 800 km navegados e cinco comunidades visitadas – Bom Jesus do Puduari, Mirituba, São Lázaro do Jaú, Tambor e Cachoeira –, em busca de acompanhar de perto o andamento do projeto. É um processo longo e desafiador, mas Ruy percebeu algo valioso: é preciso agir. “É tudo de grão em grão, né? É um processo novo. Mas a gente tem que estar sujeito a isso, querer o amadurecimento de todos os processos”, diz, enquanto escuta, com calma e atenção, as demandas específicas de cada povo. “Só assim a gente consegue de verdade fazer uma geração inteira, duas gerações inteiras, para tentar mudar alguma coisa.”

O Projeto Educação Ribeirinha viabiliza a educação básica a 23 escolas da região



Acima, a antiga escola da Comunidade de Mirituba e, ao lado, Dalvanina e três de seus filhos, moradores de Lázaro. Na página ao lado, o barco *Jacaré-açu*, inspirado em designs regionais, visto do Mirante do Gavião



MARCOS VINICIUS

OBSTÁCULOS NO CAMINHO PARA A SUPERAÇÃO

Entre tantos entraves, a melhoria da rotina do professor é um dos mais urgentes. Concursados ou contratados, eles mantêm sua moradia nas cidades, para onde retornam uma semana a cada dois meses. Suas casas nas comunidades são entregues pela prefeitura — outro ponto que Ruy faz questão de transformar. Portanto, ainda são construídos a casa do professor, banheiros para os alunos e uma cozinha para a merendeira. Mesmo assim, Claudimar, educador da Cachoeira, atesta: “A gente tem um espaço maior, as cadeiras são mais confortáveis para os alunos, a estrutura da escola nova mudou totalmente, para a gente desenvolver um trabalho melhor para eles”.

Dentro das salas de aula, porém, as dificuldades assumem outra forma. O mesmo instrutor precisa ter conhecimento sobre todas as matérias e coordenar uma turma com pelo menos oito crianças,

de idades distintas. Além disso, como muitos educadores não são naturais dos territórios onde ensinam, o conteúdo sobre as origens locais acaba ficando à deriva. E Ruy sabe que este é o próximo passo do projeto: “Não há melhora de educação sem você trabalhar o conteúdo”.

Mesmo sendo um caminho longo, o mais importante é permitir que essas pessoas possam sonhar novamente e priorizar os seus caminhos. “Eu sonho alto. Eu sonho que eles terminem o estudo para ter uma profissão. Professor, médico, qualquer coisa. Como eu falei para eles: ‘Meus filhos, vocês lutem que eu vou lutar por vocês, hein?’”, comenta Dalvanina, moradora de Lázaro e mãe de sete crianças. A riqueza da Amazônia com certeza está na sua abundância, e seus diamantes são os guardiões que nela habitam. Talvez um dia entenderemos de vez que é na relação com os demais seres que nós fazemos o mundo. 📍



FESTIVAIS

O apogeu da Cidade da Música

Berço de Mozart e uma das mais belas cidades da Europa, Salzburgo se transforma no cenário da mais profunda vivência em música clássica durante as cinco semanas mais mágicas do verão na Áustria

POR GLORIA GUERRA

FOTOS: DIVULGAÇÃO SF / MONICA RITTER HAUS E ANDREAS KOLARIK

Acima, montagem da peça *Jedermann*, na Praça da Catedral, e público aguarda para entrar em uma das apresentações em Altstadt

dramaturgo austríaco Hugo von Hofmannsthal inspirada em um drama medieval inglês de temática atemporal. O enredo aborda os dilemas de um homem rico que tem que enfrentar a sua própria mortalidade.

A CIDADE DE MOZART

Mais ilustre cidadão de Salzburgo, esse compositor clássico é uma referência em diversos pontos de interesse da cidade. A casa onde nasceu e a catedral onde foi batizado estão entre os pontos mais visitados pelos amantes da música. Também em sua alusão, quatro festivais são realizados em Salzburgo anualmente: o Mozart Festival, em janeiro, o Festival de Páscoa e o Festival de Pentecostes, realizados durante os feriados religiosos, e o mais conhecido e procurado por todos, o Festival de Verão. Durante as cinco semanas



do evento, que este ano aconteceu entre 18 de julho e 31 de agosto, a cidade é tomada por um clima de efervescência total.

O sucesso do Festival de Salzburgo se explica pelo fato de o evento superar a vivência da música clássica, tornando-se uma experiência cultural completa. Óperas, concertos sinfônicos, música de câmara, recitais e peças de teatro fazem parte da programação. O repertório inclui músicas de todos os períodos, desde o barroco até obras modernas e contemporâneas, interpretadas pelos melhores artistas do mundo.

O festival tem como orquestra residente a Filarmônica de Viena, que se apresenta quase diariamente, sob a regência de maestros ícones. Os músicos da filarmônica se apresentam também em formações camerísticas. Ao lado da orquestra residente, outras são convidadas todos os anos, entre elas a Filarmônica de Berlim, a Orquestra Real da Concertgebouw, de Amsterdã, e a famosa Orquestra West-Eastern Divan, formada por jovens de países do Oriente Médio, como Israel e Palestina. O preço do ingresso é sempre acessível, permitindo que o maior número possível de pessoas possa comparecer.

Em 2025, o Festival de Salzburgo contou com 170 apresentações, com 90 concertos e 12 produções de ópera, que somaram 43 apresentações. Leituras, debates e projetos contemporâneos completaram a programação.



FOTOS: DIVULGAÇÃO SF / BREITEGGER, ANDREAS KOLARIK, BERND UHLIG, MARCO BORELLI E LAND SALZBURG / NEUMAYR



Acima, em sentido horário, concerto no impressionante Felsenreitschule, apresentação de *Macbeth* na Casa Para Mozart, no festival de 2023, e concerto noturno. Na página ao lado, a beleza medieval de Salzburgo e o interior da Casa Para Mozart

CRESCIMENTO MUSICAL

Ao lado de concertos e óperas, dois projetos incentivam os jovens talentos e lhes dão suporte. O Young Singers é um projeto educacional, criado em 2008, que seleciona jovens cantores por meio de audições internacionais e agracia os aprovados com bolsas de estudo. Durante o festival, esses jovens recebem aulas de educação musical, expansão de repertório, encenação e treinamento de idiomas, além de participar de ensaios e trabalhar com artistas consagrados. Já no Herbert Von Karajan Young Conductors Award, o vencedor recebe o prêmio de 15 mil euros e um convite para o Concerto dos Vencedores do Festival de Salzburgo no ano seguinte, o que acaba alçando diversos dos participantes a uma carreira sólida posteriormente.

LEGADO POSITIVO

Nem só a qualidade artística é levada em consideração. A sustentabilidade também se faz presente no evento. O festival recebeu o selo ecológico austríaco de festivais nas categorias Local para Conferências e Eventos e Teatro de Discurso e Música. Essa certificação foi concedida pela primeira vez à operação de um festival, que assumiu a responsabilidade pela proteção do clima, pela criação de valor regional e por questões de justiça social. Segundo ela, o uso de materiais reciclados e de tecnologias digitais e de eficiência energética abre novas portas para a liberdade artística. 📍

BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera
do seu celular para
acessar o QR code ou
revistaunquiet.com.br

Discos para ouvir nas nuvens

A jornada pessoal de Russo Passapusso é o fio condutor de uma seleção de 15 álbuns para sonorizar viagens – e o mundo

POR RUSSO PASSAPUSSO
COLAGEM RAPHAEL ALVES



Não por acaso, me vejo num momento de aptidão e sensibilidade para fazer esta seleção e indicar discos que ajudem a sonorizar nossas viagens. Trabalhei numa loja de livros e vinis no centro de Salvador. Na mesma época, fazia parte de um *soundsystem* chamado Ministério Público, explodindo graves pelos bairros da cidade. Também tocava meu violão, influenciado pelo que encontrava na loja.

Transportei esse aprendizado para a minha discografia pessoal. Fiz dois discos importantes: *Paraíso da Miragem* (2014), sobre o êxodo e seus caminhos, e posteriormente *Alto da Maravilha* (2022), que me deu o presente de compor com a dupla Antonio Carlos & Jocaí, meus mestres!

Na minha jornada mais recente, com a banda BaianaSystem, em um processo coletivo, mentalizamos uma odisséia chamada *O Mundo Dá Voltas*. As pesquisas, dessa vez, foram conduzidas com visitas a museus, como o British Museum (em Londres), onde vi exposições permanentes, e o Museo del Oro (em Bogotá), com a coleção Pré-Colombiana. Ambos contam a história do mundo por meio de símbolos e artefatos.

Chego com indicações, então, como se estivesse voando pelo mundo e, com um fone de ouvido, tentando entender cada pedacinho dele.



Beto Guedes, Danilo Caymmi, Novelli & Toninho Horta (1973)

Disco de nome coletivo, que fala das coisas mais íntimas, de um coração brasileiro, no encontro maravilhoso desses compositores. A primeira música, “Caso Você Queira Saber”, com Beto Guedes, já leva a gente para uma decolagem segura dentro das melodias brasileiras. Um som que dá esperança no que vem a seguir.

Egberto Gismonti – Em Família (1981)

Falando de músicas com o melhor combustível para a saudade, trago o álbum lançado pelo mago Egberto Gismonti aos 34 anos, época da chegada de seu filho, Branquinho. É o disco perfeito para nos conduzir pelas nuvens, na mais pura explosão de sentimentos. Me transformou por dentro e por fora. Indico “Sanfona”, que guardo comigo para a eternidade!

Rosinha de Valença – Cheiro de Mato (1973)

Certa vez, o maestro Ubiratan Marques me falou que timbres são cores e, com alguns diálogos de estúdio, poderíamos pintar um quadro. Me permita indicar este perfume sonoro do sertão, da cantora e instrumentista Rosinha de Valença. Aqui encontrei o poder da delicadeza.

Ubiratan Marques – Dança do Tempo (2023)

Este álbum me faz flutuar com os pés no chão, me conecta com as minhas raízes mais profundas da África. Um disco feito com a construção de uma vida inteira. Com lindas melodias e coros ancestrais, um afrojazz regido pelo (meu) maestro Ubiratan Marques, em suas melhores virtudes e forma.

Nyron Hygor (2025)

Uma dica do que está rolando agora. É leve, encorpado, bem timbrado e suingado, desses para acompanhar diversos momentos. Uma grande surpresa, que encontrei nas minhas últimas visitas a lojas de discos. Um som do nosso tempo, que mistura tudo que gosto na música brasileira de outros tempos, com instrumentais e paisagens sonoras.

Ramiro Musotto – Civilização & Barbarye (2006)

Chegamos com o tempero perfeito para quem gosta de saborear os diálogos entre os ritmos latinos, com equilíbrio nas interpretações orgânicas e eletrônicas. Aqui temos um som afro-latino de resposta, com uma enorme variedade de imagens e caminhos. É fundamental ter um disco de Ramiro nesta lista. Ouça a faixa “Gwyrá Mi” com atenção.



Tania Maria – Ao Vivo (1979)

O disco ao vivo que mais gosto de ouvir quando não estou na minha casa. O álbum é tão bom que faz parecer que quem o ouve foi ao show no dia da gravação. É sublime. A faixa “Pingas da Vida” é um brinde para quem estiver com aquela saudade no peito. Quem não conhece Tania Maria não sabe o que está perdendo. Ouça e indique!

Stefano Torossi – Feelings (1974)

Uma raridade. Álbum fantástico. Para quem gosta de viajar num belo instrumental. Gosto de tudo que veio do selo de soul norte-americano Stax. Com influências da black music, banhado de *groove*, guitarras e violinos, no melhor estilo Isaac Hayes, mas com um sotaque diferente, conduzido pelo maestro italiano, arranjador e compositor Stefano Torossi.

Jachie Mittoo – The Keyboard King of Studio One (2000)

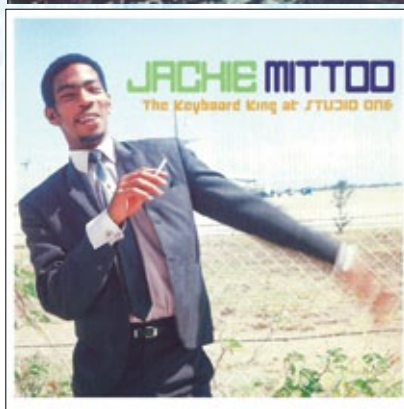
Se você gosta de um som funk com tempero jamaicano, aqui está o disco para os seus momentos mais felizes. Poderia fazer uma descrição, mas acredito na simplicidade autêntica de Jachie Mittoo, que enche suas frases de alegria e ternura. Ótimo para escutar ao acordar com crianças e deixar que essas vibrações se espalhem sem pretensão.

Kasai Kimiko – Tokyo Special (1977)

Kasai Kimiko interliga pop, jazz e funk com uma doçura da música oriental de modo universal. Para qualquer ouvinte entender e apreciar, mesmo que não esteja acostumado a ouvir músicas em línguas diferentes. Tem a guitarra base sempre presente em meio a convenções cuidadosas, com arranjos extremamente bem colocados.

Fania All-Stars – Rhythm Machine (1977)

Existem vários grupos que juntam os melhores da música latina. Aqui me vejo voando para um lugar que não conheço. A faixa “Peanuts (The Peanut Vendor)” merece ser ouvida em alto e bom som. Neste disco, Fania flerta com ritmos norte-americanos, quase como se fosse reinventar uma forma de tocar o original. Prefiro o estilo de Fannia, e você?



Yuji Ohno – The Inugami Family (1976)

Da série “Russo indica trilhas de filme como se fossem discos de bandas ou artistas solo”. Meu mais novo vício é ouvir trilhas sonoras. Os temas dessa trilha têm muita personalidade. Destaco a faixa “Meditation”, pois ela me levou para ambientes onde só a música mineira é capaz. O outro lado do mundo me parece ali. Se eu pudesse, moraria nela!

Marvin Gaye – Trouble Man (1972)

Aqui vai meu disco de cabeceira, que uso para anotar timbres, entender de arranjos e mostrar referências. São temas inesquecíveis, muito sampleados. Uma obra-prima. Uma música me marcou como se deixasse um recado para as pessoas do futuro: “Don’t Mess with Mister”. Está na minha lista de melhores melodias do mundo!

Norbert Stein – Pata Bahia (1998)

Volto a mostrar as iguarias da minha Bahia. Esse projeto é pouco conhecido, para que um dia você também possa indicar e perguntar: “Conhece Pata Bahia?” Ele juntou músicos da Bahia em Salvador para interpretar temas que prezam a nossa identidade. Destaco a participação nesta obra-prima do mestre Lourimbau – artesão, compositor e instrumentista.

William Onyeabor – Who Is William Onyeabor (2013)

Um presente para quem não conhece esse som e reservou um momento para ler esta lista. É um álbum que explica por que eu falo sempre que existe um passado que o futuro ainda não alcançou. Um mestre nigeriano da década de 1970 com músicas encharcadas de suingue: sintetizadores, guitarras solo, mantras de baixo, bateria e muito espaço para dançar! 📍

CHECK-IN

Destinos com significado

Produtos pensados para ir longe, e sem deixar rastros

POR LUCIANA LANCELOTTI



PARA QUALQUER ROTA

Feita para aqueles dias mais ativos ou escapadas de fim de semana e viagens de avião, a Thule Aion abre como mala, facilitando a organização. A divisória interna, com revestimento de TPU, separa roupas limpas de itens úmidos ou com odor. Há espaço dedicado para eletrônicos, bolso para garrafa e a opção de acoplar a Aion Sling (vendida separadamente) como um cinto para distribuir o peso. A mochila é produzida com materiais 100% reciclados e certificada pelo padrão Bluesign®, com lona encerada durável e acabamento resistente à água e livre de PFCs tóxicos. Uma parceira prática, sustentável e pensada para durar.

thule.com

COMUNICAÇÃO SEM FRONTEIRAS

Apesar do design marcante, o Nothing Headphone (1) tem um jeito discreto de se tornar essencial. O acessório não só ocupa seu lugar com elegância e leveza durante o voo, mas também conversa quando você precisa graças à integração com ChatGPT em tempo real. Em outras palavras, é útil para tradução e assistência e ideal para os viajantes conectados. Sem contar que não apaga durante o voo (a marca promete 80 horas de autonomia por carga) e tem cancelamento de ruídos, que segura o ronco do motor sem drama. Feito para durar, o produto é montado com 100% de energia renovável na etapa final. De acordo com a Nothing, que produz relatórios sustentáveis anuais, em 2024 foram mais de 60 toneladas recicladas e mais de 800 toneladas de CO₂ evitadas.

nothing.tech



CONFORTO COM PROPÓSITO

O tênis Naioca, da brasileira Cariuma, foi desenvolvido para oferecer a sensação de andar descalço na grama. Já imaginou essa leveza? A palmilha, de cortiça e espuma de óleo de mamona, garante naturalmente o conforto. O cabedal, de lona orgânica ou camurça certificada LWG Ouro, combina durabilidade com responsabilidade ambiental. Até os detalhes surpreendem: o forro, de malha reciclada, proporciona respirabilidade, o solado antiderrapante de borracha natural é um convite ao movimento seguro e os cadarços de rPET, com algodão orgânico, trazem ponteiros metálicos elegantes. Um tênis que equilibra design e propósito, ideal para quem se preocupa com o passo e com o impacto.

cariuma.com.br



JOIA DE HIDRATAÇÃO

A garrafa térmica Vyta Pedras Preciosas, da Pacco, une beleza e funcionalidade com inspiração em pedras como jade, ametista e quartzo rosa. De aço inox 18/10, tem tampa Flow à prova de vazamentos, alça flexível, base antiderrapante e grips ergonômicos, que facilitam o uso no dia a dia ou em viagens. Sustentável e livre de BPA, ela mantém líquidos frios por até 24 horas e quentes por até 12, incentivando o reúso e reduzindo os descartáveis. Disponível nas cores ônix e jade, em tamanhos de 500, 650 e 950 ml, tem garantia vitalícia.

paccoby.com.br

C6 INVEST: PRATICIDADE E INTUIÇÃO

Investir com confiança é abrir caminhos para novas possibilidades. Por meio do C6 Invest, você tem acesso a investimentos no Brasil e no exterior, tudo pelo mesmo app da sua conta no Brasil. Você pode escolher carteiras recomendadas conforme seus objetivos ou desenhar sua própria estratégia com assessoria especializada.

Uma forma segura de ampliar horizontes financeiros e conquistar ainda mais liberdade para suas próximas experiências.

c6bank.com.br



ALÉM DO SOL

O protetor solar FPS 30 da Khor Cosmetics foi eleito como o Melhor Produto do Ano no Award Clean Beauty 2025, um prêmio brasileiro que reconhece os produtos de beleza limpa, natural e sustentável. A fórmula é vegana, à base de extrato de algas, o que amplia a proteção contra UVB, UVA, luz visível (inclusive a azul) e radiação infravermelha. Ele tem ainda certificação IBD, ingredientes orgânicos e naturais, é livre de filtros químicos e vem em embalagem feita de plástico 100% reciclado e reciclável.

khormetmetics.com

BRASIL

Ceará *genuíno*

Com foco no turismo generativo e na exaltação da cultura e das tradições locais, a Casa Daia é um refúgio original, que toca a alma e promove uma conexão especial com a natureza, além de oferecer programação de esportes e experiências únicas

POR CORINNA SAGESSER
FOTOS MARINA BANDEIRA KLINK



Logo que o avião tocou o solo, uma nova paisagem se apresentou diante dos nossos olhos: dunas, mar, vento e sol. Pousamos no aeroporto de Jericoacoara (CE) e de lá seguimos até o destino final, trajeto feito por uma estrada quase em linha reta, marcada por fazendas e plantações de cajueiros e carnaúbas. A carnaúba é o símbolo do estado, uma palmeira endêmica do semiárido nordestino, também conhecida como Árvore da Vida.

Após quase duas horas, chegamos à Casa Daia, na Barra dos Remédios, município de Barroquinha, quase na fronteira com o Piauí. Inaugurado recentemente, o hotel é intimista: conta apenas com três suítes e quatro bangalôs (com piscinas privativas), construídos com materiais locais e madeira de reflorestamento, priorizando sempre a sustentabilidade. Na decoração, muito charme e originalidade, com peças produzidas por artesãos da região.

A Casa Daia, nome que faz alusão ao pássaro símbolo do Ceará, a jandaia, fica dentro da fazenda Barra dos Remédios, em uma área de 2 milhões de metros quadrados, cercada por mar, lindas praias, rios, dunas, coqueirais e pela caatinga.

Pouco explorada e com sua originalidade preservada, ela é um destino que une o turismo de luxo, a simplicidade da natureza e o respeito pelas comunidades no entorno. “O conceito da Casa Daia precisa ser positivo para todos. Para quem já estava aqui antes de nós e para nós, forasteiros, encantados com o Ceará e seu povo”, diz Eduar-

do Hargreaves, idealizador do projeto. Amante da natureza e cultura locais, ele também foi cativado pela prática de esportes outdoor, o hotel oferece bicicletas, caiaques e equipamentos para *stand-up paddle*, kitesurfe, *wing foil* e *wake foil*.

À Mercê da Natureza e do Mar

Devidamente instalados, com muito conforto e gentileza, e ambientados em um clima de descontração e leveza, fomos curtir o que nos aguardava. Nosso primeiro dia começou com um passeio de barco para conhecer a pesca artesanal no



Dunas, manguezais e o mar infinito compõem o cenário da Barra dos Remédios



Nesta e na outra página, as canoas que vão ao mar todos os dias para a pesca levam nomes de mulheres, já que canoa é uma palavra feminina





Ao lado, passeio de bicicleta pela trilha que liga o hotel à praia e, abaixo, a pesca de curral, uma tradição típica cearense.

Na página ao lado, *stand-up paddle* em Barra dos Remédios e uma casa típica feita de taipa, na Praia Nova



município de Bitupitá, feita em currais de pesca típicos do Ceará. Os currais são estruturas de madeira e redes de pesca fixas no fundo do mar, que aproveitam o movimento das marés para capturar os peixes. Esse tipo de pesca é uma tradição local desde o século XVII. No final de tarde, fizemos um passeio pela praia deserta, um momento para a contemplação de um pôr do sol laranja, em mais um espetáculo da natureza.

O segundo dia começou sobre quadriciclos, uma das formas mais divertidas de explorar a região. Nossa programação incluía ver a chegada das canoas de pesca na Praia Nova: um cenário colorido e autêntico, com pescadores trazendo peixes variados, que são negociados e vendidos ali mesmo para as comunidades locais.

Uma das vivências mais especiais que tive foi a oportunidade de conversar com os pescadores, ouvir suas histórias, ver como todos se ajudam na hora da chegada das canoas. Uma relação de colaboração entre todos: linda de ver e de ouvir. Observando as canoas que chegavam, perguntei por que elas sempre são batizadas com nomes de mulheres, como Ana Ester, Jaqueline do Mar e Cidiane, entre outros. Eles me responderam que “canoa” era uma palavra feminina, por isso todas recebem nomes de mulher.

Durante toda a programação de passeios, encontramos moradores de pequenos vilarejos, ou-



vimos suas histórias e tradições e aprendemos sobre a região com quem nasceu e vive ali. Tudo muito especial.

A FAVOR DO VENTO

No dia seguinte, acordamos cedo e subimos de barco pelo Rio dos Remédios, em meio a manguezais, para o café da manhã nas dunas, uma experiência proporcionada pelo Casa Daia. Terminado o café, descemos o rio de *stand-up paddle* num silêncio profundo. Um momento mágico junto à natureza intocada: de um lado, os manguezais, e do outro, dunas de areia. Nesse mesmo dia, à tarde, fomos andando até a praia, onde o vento



A Praia Nova é ideal para a prática de kitesurfe, com muito vento, água quente e praias desertas. Os entusiastas podem aprender o esporte com instrutores da comunidade local





soprava forte, formando o cenário ideal para uma aula de kitesurfe. As aulas são personalizadas, com instrutores da própria comunidade. As condições para a prática do kite são excelentes, com muito vento, água quente e praias desertas e um cenário mágico, com mais um pôr do sol em conexão total com a natureza.

No dia seguinte, acordamos e fomos encontrar as marisqueiras, mulheres que coletam mariscos e sururus de forma artesanal, para sua subsistência e venda. Acompanhamos a coleta ouvindo histórias sobre o modo de vida das famílias, com tradições e ofícios passados de geração em geração, além de entender a importância dessa atividade para o sustento geral.

Nosso programa seguinte foi conhecer a “agrofloresta da fazenda”, um sistema de produção que combina árvores e plantas da região, num processo natural para o aumento da biodiversidade e a melhoria da fertilidade do solo. Na floresta, também fizemos a observação de

Acima, em sentido horário, a pesca de sururu é uma tradição passada de geração em geração entre as marisqueiras, café da manhã montado pelo staff da Casa Daia nas dunas à margem do Rio dos Remédios e ambiente social do hotel

pássaros da região. A Casa Daia tem também seu próprio apiário e várias trilhas através da mata.

SABOR DO NORDESTE

A gastronomia da Casa Daia é especial e exalta os sabores do Ceará. O *chef* Fabio Vieira, pesquisador das tradições e dos ingredientes do Brasil, elaborou o cardápio, que é variado e saboroso. Há diversas opções com frutos do mar, entre elas o tradicional arroz caldoso com mariscos, camarões, polvo em um caldo espesso, acompanhado de quiabo na brasa, e a moqueca de arraia. Entre as muitas sobremesas típicas, a cartola (um clássico originado nas casas de engenho, feito com banana, queijo do sertão grelhado e polvilhado com açúcar e canela, acompanhado por um delicioso sorvete de tapioca) deixa saudades no paladar.

A Casa Daia é o destino para uma conexão profunda e intensa com a natureza intocada e as tradições regionais. Um lugar onde o propósito é conservar o que existe de mais precioso e proporcionar o que existe de mais raro. Criar experiências que, além de valorizar o convívio, promovem a educação e conservação do meio ambiente. Imperdível! 📍

Acima, um dos quartos da Casa Daia e o famoso arroz caldoso com frutos do mar, especialidade do *chef* Fabio Vieira



BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera
do seu celular para
acessar o QR code ou
revistaunquiet.com.br

CULTURA

ENTRE O BÓSFORO E O EGEU

*Dez noites, sete destinos: do mosaico bizantino
de Istambul às ilhas gregas menos conhecidas,
em uma rota que rejeita o lugar-comum*

TEXTO LUCIANA LANCELOTTI





A

s vezes, é preciso se afastar aos poucos do ruído, das filas, dos horários que espremem o dia como se fosse suco. Talvez por isso eu tenha escolhido o mar. Um cruzeiro entre as correntes do Bósforo e as ilhas do mar Egeu. É assim que começa essa viagem. Não com pressa ou euforia, mas com o vento morno do pré-verão soprando sobre Istambul, o ponto de partida dessa jornada, onde cúpulas e minaretes ainda guardam o fôlego de três impérios. Passei dois dias imersa em suas ruas, absorvendo seus sons, aromas e sua luz oblíqua, até o momento de embarcar. No porto de Gálata, nenhum tumulto, nenhuma pressa. E, de repente, já estou a bordo do Explora 1, da Explora Journeys.

Em uma volta de reconhecimento, encontro restaurantes de diversas geografias, coquetéis criados sob medida e um corpo de *hosts* quase na proporção um-para-um, que garantem atenção sem ser invasivos. Descubro também uma loja Rolex (a única em alto-mar) dividindo espaço com vitrines Cartier e Panerai, todas livres de impostos. Satisfeita a curiosidade inicial, recolho-me antes que o relógio precise lembrar que já é madrugada.

Acima, especiarias em uma das lojas do Grand Bazaar, em Istambul, e o navio *Explora 1* em navegação. Na página ao lado, o porto de Gálata e a Mesquita Yeni, ao fundo, marcam a despedida da cidade turca



**Siros é feita de camadas:
jônios, romanos,
venezianos, otomanos.
Todos passaram, e muitos
deixaram seu legado,
na capital das Cíclades**

HARMONIA EM CAMPANÁRIOS

Após um dia inteiro de navegação, acordo com a luz filtrada por uma cortina de sal e silêncio. Nem percebi o mar durante a noite. A embarcação navegou sem alarde, como quem respeita o sono dos convidados, até atracar em Siros. Embora seja a capital das Cíclades, a ilha continua fora do radar e preserva um ar de segredo bem guardado. Em Hermópolis, sua sede administrativa, a silhueta é marcada por dois sinais que não competem entre si: a cúpula azul da igreja ortodoxa Anástasis e as torres creme da catedral católica de São Nicolau. Elas não se impõem. Dialogam, parecendo dizer que há sempre espaço.

O dia se desenrola com calma, e é fácil perder a noção do tempo nesse lugar, de sotaque grego e perfume de figo seco. Há tempo para subir as escadas de mármore sem fôlego nem motivo, cruzar com gatos multicoloridos e preguiçosos e buganvílias escandalosamente vivas, que caem sobre varais e portas azuis. Siros é feita de camadas: jônios, romanos, venezianos, otomanos, todos passaram. Alguns ficaram. Os venezianos, por exemplo, deixaram mais do que pedra. Legaram à ilha uma pequena comunidade católica, que ainda lota a catedral, quase 200 anos após declarar neutralidade na Revolução de 1821. A sombra de palacetes neoclássicos, onde funcionaram a primeira escola pública e o primeiro correio da Grécia moderna, entendo por que o presente aqui parece tão leve. Talvez porque Siros não precisou de confrontos para existir como é.



Acima, afresco no interior da catedral católica de São Nicolau, em Hermópolis, na Ilha de Siros, e a profusão de influências culturais que marca a arquitetura da cidade grega. Na página ao lado, encosta da Ilha de Siros e o Castelo de São Pedro, em Bodrum, na Riviera Turca



O entardecer dourado
no Porto de Rhodes





HISTÓRIA E TANGERINA

De madrugada, o navio cruza sem aviso a linha invisível que separa a Grécia e a Turquia. Acordo com uma cidade no horizonte, que parece feita de pedra e memória. Bodrum é assim, elegante sem tentar ser, um lugar onde o tempo se acomoda entre muralhas e cafés. No centro da cena está o Castelo de São Pedro, construído em 1406 pelos Cavaleiros Hospitalários. Suas torres falam idiomas diferentes (francês, espanhol, alemão), refletindo os cruzados que ali se revezaram. As pedras foram reaproveitadas do antigo Mausoléu de Halicarnasso, e provavelmente por isso cada bloco pareça carregar mais de uma história. Hoje o castelo abriga o Museu de Arqueologia Subaquática, nome que pode soar técnico demais para o que de fato se vê. Dentro, o Mediterrâneo reaparece em vitrines, com ânforas, joias, fragmentos.

Na saída, troco o sal da história pelo doce de um *mandalinalı sorbe*, o incontornável sorvete artesanal de tangerina protegido por Indicação Geográfica, feito com a fruta fresca, sem corantes. Seu sabor é tão puro que, por um instante, quase sinto o perfume do pomar. De volta ao navio, descubro que há aulas de história a bordo e penso em como tudo se encaixa, das ruínas aos livros e sabores. Uma forma de o passado não querer apenas ser lembrado, mas também vivido.

MOSAICOS E CHARME MEDIEVAL

O Sol ainda não subiu por completo quando Rodes surge no horizonte. Antes de atravessar a cidade amuralhada, que resistiu a impérios, guerras e ao próprio tempo, sigo de carro para o Monte Smith e dou sorte de encontrar a Acrópole quase deserta. Caminho entre ruínas autênticas e outras reerguidas com cuidado, tentando não só ver, mas sentir o que ficou. Depois retorno e passo pelo Portão d'Amboise, um

Bodrum parece feita de pedra e memória. Elegante, num lugar onde o tempo se acomoda entre muralhas e cafés



Acima, vista sobre a Ilha de Rodes com o Palácio do Grão-Mestre ao fundo, o Odeon da acrópole de Rodes e ânforas resgatadas do Mediterrâneo no Museu de Arqueologia Subaquática. Na página ao lado, o vilarejo de Kokkari, na Iha de Samos

bastião de 1478, erguido para conter os canhões otomanos. Ele engole a gente devagar, dando a impressão de testar nossa disposição para o passado. São 4 km de muralhas góticas, reconhecidas pela UNESCO, e mais do que isso: vivas. Rodes foi o lar de uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo, o Colosso, e quartel dos Cavaleiros Hospitalários, que aqui resistiram até Solimão, o Magnífico, cercar a cidade, em 1522.

Visito o Palácio do Grão-Mestre, onde os mosaicos romanos vindos da vizinha Kos brilham entre colunas e móveis de tempos cruzados. Percorro os salões com a sensação de estar em um livro de páginas pesadas, cujas palavras não foram feitas para ler com pressa. Lá fora, as ruelas mantêm outra espécie de memória, a das mãos, com oficinas artesanais que preservam a tradição cerâmica italo-levantina e lojinhas de joias e decoração. O aroma de café grego é constante e convida à pausa. Aceito. Ao cair da noite, volto ao convés e, com uma taça de vinho *retsina* na mão, observo o Mar de Creta, prateado sob o luar. Por um instante, entendo por que fenícios, cruzados e otomanos se revezaram nessa ilha. Rodes não é só estratégica. É inevitável.

BERÇO DE GÊNIOS

A manhã seguinte começa com o toque firme e ritmado das mãos de Rachel, uma terapeuta filipina do spa do navio, que aplica em mim a massagem Intense Muscle Release. Saio quase levitando e, com os músculos em paz, decido ouvir o que Samos tem a dizer.



O Mar Egeu banha a encosta da ilha de Samos e, abaixo, o Monumento de Pitágoras, na mesma ilha grega



Desembarco sob o olhar de Pitágoras, esculpido em pedra no cais, e caminho por esse solo, que, desde o século VII a.C., já era próspero, com vinho e cerâmica jônica. É um chão que financiou o pensamento – e não qualquer pensamento, mas desses que ousam inverter o céu. Pitágoras, claro. Mas também Aristarco, que, 200 anos depois, imaginaria um Sol no centro de tudo. Samos, descubro, sempre foi uma ilha de ideias.

No caminho, encontro o Pitagoreion, o túnel de Eupalinos (feito de dentro para fora, em simetria perfeita) e o Heraion (um templo dedicado à deusa Hera). Fé, ciência e poder econômico caminharam (e ainda caminham) juntos por aqui. Na vila de Kokkari, o tempo se desacelera entre tavernas, jogos de *tavli* e praias de seixos. As encostas são forradas de vinhas, e o moscatel local, que tem seu festival em julho, repousa nas garrafas como um segredo doce. Volto ao navio com algumas delas na sacola e um caderninho mental cheio de teoremas.

MÁRMORE E CONTEMPLAÇÃO

Paros é a última parada antes de Atenas, epílogo clássico dessa viagem. A ilha não impressiona de imediato. Ela sossega. E isso, depois de tantos portos, é exatamente o que eu preciso. A capital, Parikia, se insinua gradualmente. Primeiro com seu moinho antigo à beira do porto. Depois com suas ruas estreitas,



que se abrem em pátios, cafés e silêncios. Minha impressão é a de que Paros é feita de uma matéria que não se apressa, talvez porque seu tesouro sempre tenha estado sob os pés, e não nas fachadas. Elementar. Das pedreiras de Marathi, saía o mármore pariano, branco, translúcido, quase vivo. Um material tão raro que seus blocos geraram a *Vênus de Milo* e a *Vitória de Samotrácia*, hoje habitantes do Louvre.

Penso nisso a caminho da Praia de Parasporos, onde fica o Olvo, o restaurante do hotel Andronis Minois, de atmosfera minimalista mediterrânea. Peço um *tagliolini* com camarões, cujo sabor vai certamente me visitar em sonhos por anos. À tarde, deixo que o tempo me carregue e me perco nas infinitas lojas. Depois, me acomodo em um dos múl-

tiplos bares pé na areia, quase colados ao mar, onde o Sol se dissolve devagar no Egeu e os rostos ao redor parecem saber que essa luz não se repete. Ninguém corre, ninguém finge estar ocupado. A contemplação é uma tarefa coletiva.

Nesse silêncio compartilhado, entendo que a viagem não se moveu somente no espaço, mas também no tempo. Cada porto foi uma página. E agora, no fim da jornada, percebo que todas elas formam uma narrativa que não cabe em um roteiro. Nesses dias navegando pelo Egeu, também fui navegada por ele. O mar e seus séculos passaram por mim. Como o mármore que guarda luz, cada lembrança carrega uma transparência diferente. Viajar, afinal, é se aproximar. Do mundo. Da história. E, se der sorte, de si. 📍

Acima, a estátua de Hera na cidade antiga de Heraion, em Samos



ARTE

NY: ONDE A ARTE ACONTECE

ALÉM DO CIRCUITO DOS
GRANDES EXPOENTES DA
CENA CULTURAL, A BIG
APPLE PERMITE UM ROTEIRO
ARTSY QUE SE RENOVA A
CADA VISITA, POR MEIO
DE GALERIAS, EXPOSIÇÕES
SAZONAIS, GRANDES
COLEÇÕES REVISITADAS
E PEQUENAS SUTILEZAS

POR NATHALIA HEIN



H

á cidades talhadas para determinados tipos de viagens e de viajantes. Algumas são gastronômicas, outras fortemente culturais, muitas são históricas, políticas, românticas, noturnas... Poucas, no entanto, são tudo ao mesmo tempo, o tempo todo. Nova York é com certeza o melhor exemplo dessa conjunção de potenciais. E não decepciona, seja qual for o olhar que se busque em uma visita. O meu, dessa vez, foi voltado para a arte: um programa pontuado pela miscelânea possível dentro, mas principalmente fora do circuito dos grandes museus mais conhecidos do grande público.

Sempre impactantes e com um acervo de interesse atemporal, estandartes da cena cultural da cidade, como o Metropolitan Museum of Art (ou apenas The Met), o Guggenheim, o Whitney Museum e o MoMA, são impossíveis de ignorar, já que, além das coleções permanentes, oferecem mostras e exposições sazonais dos mais variados interesses. Nesse caso, vale ficar de olho na programação e tentar combinar seu roteiro às datas dos temas que mais atraem o seu gosto. No programa do MoMA, por exemplo, a esperada 40ª edição da série *New Photography* mostra o trabalho de 13 artistas internacionais que exploram narrativas de pertencimento em contextos urbanos e culturais diversos, em cartaz até janeiro de 2026. No mesmo período, a retrospectiva de uma escultora nipo-americana reúne mais de 300 obras, incluindo instalações públicas, esculturas de arame e bronze e desenhos, um acontecimento que promete movimentar o museu. Seja qual for a escolha, a melhor opção é sempre combinar as mostras temporárias com uma visita ao acervo fixo do museu, sempre um deleite para a alma:



Acima, experiência sensorial no observatório Summit One Vanderbilt. Na página ao lado, a obra *Oficial e Garoto Sorrindo*, de Johannes Vermeer, do acervo permanente da Frick Collection, e o quadro *O Cavaleiro Polonês*, de Rembrandt, exposto no mesmo museu



de Chagall a Van Gogh, de Klimt a Picasso, do pós-impressionismo de Cézanne à pop art de Andy Warhol, uma viagem no tempo por meio de grandes ídolos.

Depois de uma manhã imersa nesse universo, outro ponto alto do MoMA é seu caráter *cool*, um lugar que envolve todos em torno do mesmo objetivo, que é vivenciar a arte, mas que permite ir além. E a gastronomia é uma dessas extensões. Há várias opções no complexo que abriga o museu, mas o The Modern faz as vezes de restaurante gastronômico, com uma alma bem nova-iorquina e pratos que transitam pela cozinha contemporânea, com sotaques franceses, italianos e orientais. O *gran finale* perfeito para celebrar o belo.

O GRANDE RETORNO

De volta ao Upper East Side, a poucos minutos de distância do simpático e *low profile* The Park Lane, onde me hospedei durante parte da minha semana *artsy*, estava o grande motivo de minha incursão: a reabertura da Frick Collection, após quase uma década de reformas. A propriedade, que pertenceu ao magnata do aço Henry Clay Frick, bem em frente ao Central Park, exalta a opulência de outrora, trazendo a público a coleção de arte do industrial, que reúne obras dignas dos melhores acervos do mundo. A revitalização preservou os espaços históricos e peças originais, incluindo os móveis franceses, as paredes cobertas por tecidos e os tetos ornamentados e ricamente talhados, e ainda expandiu a área das galerias, para incluir um acesso inédito ao segundo andar, onde é possível visitar dez novos salões da área íntima da mansão. A cada novo ambiente, a sensação é de uma viagem ao universo da família Frick e sua intensa paixão pela arte, a exemplo da nova Cabinet Gallery (dedicada a desenhos raros de Goya, Ingres e Whistler, para citar alguns) e dos impressionantes objetos de arte sacra e porcelanas do acervo da família (hoje em exposição em diversas salas, com peças de beleza e de valor inestimável confeccionadas



Acima, a fachada da imensa propriedade do magnata Henry Clay Frick, convertida em museu, e o pátio interno da Frick Collection. Na página ao lado, uma das salas revitalizadas do mesmo museu



em diferentes lugares e épocas). Para os entusiastas dos grandes clássicos, o principal destaque da coleção são as três obras da breve produção do artista holandês Johannes Vermeer, considerado um dos maiores pintores da Era de Ouro holandesa: o mais famoso de seus quadros é *Menina com Brinco de Pérola*. As obras *A Menina Interrompida em Sua Música*, *Oficial e Garota Sorrindo* e *Senhora e Criada* estão em exposição permanente na Galeria Oeste, ao lado de grandes mestres, como Rembrandt.

Impossível não se emocionar e deixar que cada pedacinho da mente seja estimulado por tantas referências do passado em forma de arte e delicadeza. Saí da propriedade em direção à Madison Avenue, a poucos passos dali, para um verdadeiro choque cultural: o luxo impresso nas fachadas e vitrines das lojas de grife de uma das vias mais elegantes da cidade, embora efêmeras e muitas vezes meramente comerciais, não deixa de ter seu lugar no olhar de quem passa. Em especial se a ideia é driblar as grifes convencionais e voltar o foco para as butikques de cria-



dores e estilistas que, devagar, vêm galgando seu espaço num dos ambientes mais concorridos da Big Apple, trazendo tradições e referências autênticas e sustentáveis à moda, com peças que, pensando bem, não deixam de ser, de muitas formas, arte. Um bom exemplo desse movimento, a designer colombiana Johanna Ortiz se apodera de inspirações de seu país de origem, da cultura indígena e do movimento art déco para criar peças que utilizam tecidos e outros elementos naturais, como ráfia, palha e tramas variadas, que são produzidas em seu ateliê, que emprega mulheres da cidade de Cali, onde a marca nasceu.

O dia termina, claro, em mais arte. Dessa vez com música e desenho, no lendário Bemelmans Bar, no hotel The Carlyle. Nomeado em homenagem ao artista e autor Ludwig Bemelmans, o lugar é famoso por murais ilustrados pelo próprio artista, em 1947. O ambiente é motivo de encantamento para qualquer comensal – e também pelo valor de suas memoráveis apresentações clássicas de jazz de grandes músicos da cena *cult* de Nova York.

NOVOS HORIZONTES

Andar por Nova York é observar o crescimento da cidade e desvendar novas formas, que se desenham conforme a metrópole se reinventa. Em Midtown, o Summit One Vanderbilt é o mais novo observatório da cidade, cuja proposta é uma imersão cultural integrada ao skyline da Big Apple com uma experiência criada pela artista japonesa Yayoi Kusama. Já a região de Hudson Yards, antes uma área marginalizada, é o melhor exemplo recente dessa mudança. O distrito foi convertido em um bairro moderno, repleto de lojas, galerias e um enorme *mall*, com

Reaberta após longo período de revitalização, a Frick Collection expandiu as áreas de galerias e inaugurou ambientes inéditos ao público



Sala da
experiência
Affinity, no
Summit One
Vanderbilt,



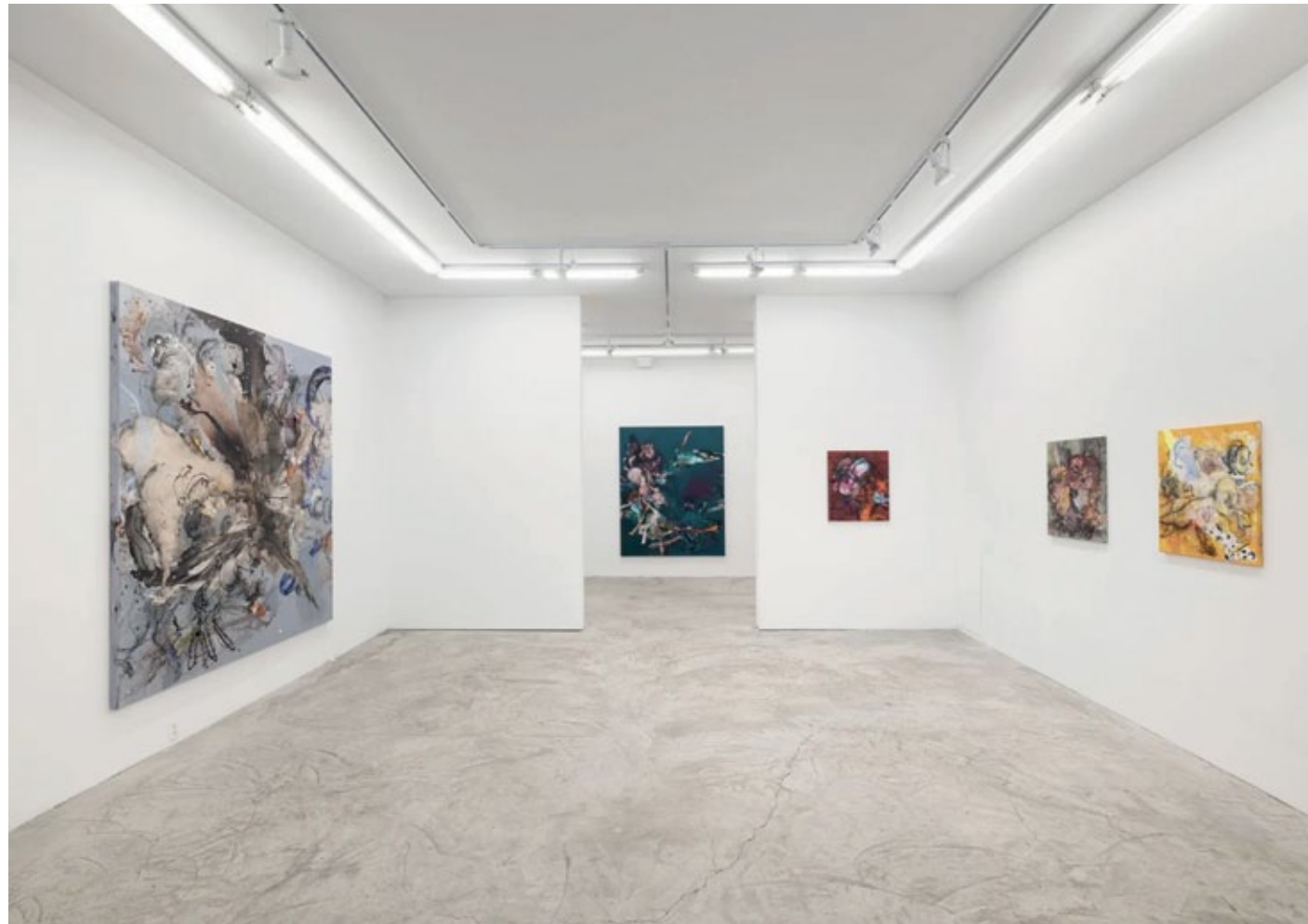
grifes exclusivas e um serviço de compras personalizado, além do famoso *The Vessel*, uma escultura interativa de 46 m de altura projetado pelo inglês Thomas Heatherwick no coração do bairro e um importante marco da paisagem nova-iorquina desde a sua inauguração, em 2019. Seu design foi inspirado pelas históricas cisternas indianas.

Depois da impressionante experiência diante do *The Vessel*, meu dia foi voltado para um circuito de galerias independentes, que a cada parada se expandia em novos universos de cores, formas e estímulos. No charmoso Lower East Side, a Perrotin é um polo global de arte contemporânea desde 1990, com uma curadoria vibrante e um mix de artistas consagrados e outros em início de carreira, e todos acolhidos pelo ambiente inspirador do edifício histórico, que ocupa o número 130 da Orchard Street. Na vizinhança, a Canada Gallery é um símbolo da arte independente desde o início do século XXI e representa nomes como Katherine Bernhardt e Luke Murphy, para citar alguns artistas. Ao andar pelo Lower East Side, perca-se na energia vibrante do bairro e visite outros expoentes da cena, a exemplo da Karma, da Lyles & King e da irreverente The Hole, as três com propostas diferentes.



Acima, o skyline de Nova York através do observatório *The Summit* e a descolada fachada da galeria Perrotin. Na página ao lado, o emblemático *The Vessel* e interior da Canada Gallery





Acima, em sentido horário, suíte do charmoso hotel Park Lane, o martini original, criado no bar do The Knickerbocker, e o lendário Bemelmans Bar, no Carlyle Hotel. Na página ao lado, uma das salas da hypada Lyles & King, galeria no Lower East Side

De essência provocante e vanguardista, Nova York é uma cidade de possibilidades infinitas para amantes dos mais diversos tipos de arte

CRIADORES E CRIATURAS

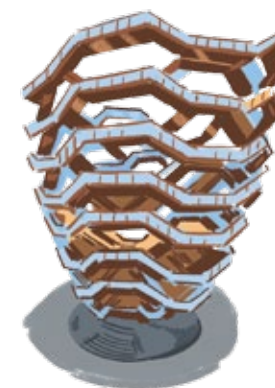
O dia, mais uma vez, terminou entre ótimas histórias da vanguarda nova-iorquina, em um dos ambientes que tanto inspiraram artistas de diversas gerações. O bar do The Knickerbocker Hotel, inaugurado em 1906, foi por décadas o *meeting point* de figuras lendárias, como F. Scott Fitzgerald, Enrico Caruso e John Barrymore, já que, além do ambiente sofisticado, é também conhecido como o lugar onde o barman Martini di Arma di Taggia teria criado o drinque Dry Martini. Reaberto em 2015, após décadas funcionando como um edifício comercial, o hotel e o bar resgataram o charme da *belle époque* e hoje são chancelados pela Leading Hotels of the World e atendem como um dos endereços mais *cool* da cidade para finalizar ou começar a noite. Se bem que, em Nova York, os dias, assim como as possibilidades, são infinitos... 📍

united.com

BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br





ESPORTE

POR FLÁVIA VITORINO

O RESPIRO DAS MONTANHAS

Aclamadas como refúgios de inverno, as charmosas e surpreendentes cidades alpinas de Annecy e Megève ganham novas nuances e incontáveis possibilidades de atividades outdoor, entre lagos e montanhas, para curtir muito o verão francês



O Lac de Javen, em Megève, é um refúgio ao ar livre, rota de trilhas, passeios de bike e spot para piqueniques aos pés do Mont Blanc

A água dos lagos é tão clara que espelha o contorno das montanhas. As trilhas seguem em ziguezague, passando por florestas mistas e trechos floridos. O som ambiente é o do vento, da água corrente e dos pássaros. No verão, os Alpes não descansam. As estações de esqui se transformam em parques de bicicleta e os lagos glaciais ganham remadores e pranchas de *stand-up paddle*. Trilhas que no inverno seriam intransitáveis revelam caminhos sob o céu limpo, com a vista permanente para os cumes, alguns ainda nevados, como o emblemático Mont Blanc. Ali o verão não é uma pausa entre temporadas, mas a época em que tudo se transforma. A natureza se mostra mais acessível e a montanha troca o desafio técnico do esqui pelo prazer prolongado de travessias, se transformando em uma plataforma para uma vida ao ar livre talvez menos veloz, porém igualmente intensa.

ANNECY: REMAR, PEDALAR E EXPLORAR
Entre o traço exato da fronteira suíça e o relevo dos Alpes franceses, a cidade de Annecy se encaixa como

um espaço geograficamente francês, mas com sotaque internacional. Fica a 40 minutos de Genebra e a cerca de 550 km de Paris, embora pareça mais próxima da natureza do que de qualquer centro urbano. Cair na estrada em direção a essa região alpina é uma experiência de transição geográfica e de visual intenso e contemplativo. Viver por ali é ter o privilégio de um ritmo de vida que equilibra natureza e funcionalidade. Não por acaso, Annecy foi eleita a melhor cidade para viver na França em 2020 segundo a publicação *Le Journal du Dimanche*.

Remar no Lago de Annecy é uma das formas mais sensoriais de compreender a geografia e a escala da região. Com uma área de 27,59 km², o lago glacial é um dos maiores da França e figura entre os mais limpos da Europa, protegido por políticas ambientais exemplares desde os anos 1960. Em um percurso de aproximadamente três horas de remo a partir de pontos como Veyrier-du-Lac e Talloires, foi possível explorar margens preservadas, enseadas silenciosas e trechos desafiadores, especialmente quando o vento sopra contra. Um dos pontos altos é remar diante da Reserva Natural do Roc de Chère, onde saliências

Enquanto Annecy se espalha em torno do lago, Megève concentra todo seu potencial esportivo ao longo da montanha

Voo de paraplan sobre
a paisagem do Lago Annecy





O castelo medieval de Duingt domina a península rochosa sobre o Lago Annecy, com a cidade de Annecy ao fundo

calcárias cobertas de vegetação formam um teto natural sobre a água.

Se remar é uma experiência sensorial, explorar Annecy por suas trilhas é uma das formas mais honestas de conhecê-la. As trilhas por ali se adaptam a diferentes fôlegos: das caminhadas leves às subidas com exigência física. Uma das mais legais parte do vilarejo de Talloires, na margem leste do lago, e leva à Cascade d'Angon, uma queda-d'água de 60 m, que se esconde no fundo de um vale estreito. O percurso tem cerca de 4,7 km e, ao final, o som da água anunciando a chegada é tão marcante quanto a imagem da cascata, que surge de forma abrupta, moldando o ar ao redor com umidade e uma temperatura mais amena.

Pouco depois de o dia amanhecer, as margens do lago são ocupadas por ciclistas. Sozinhos ou em grupos, eles seguem em um movimento contínuo e silencioso. A ciclovia que acompanha o contorno do Lago de Annecy, conhecida como Voie Verte, tem mais de 40 km de extensão e transforma a paisagem em uma trilha visual: vilarejos com mercados matinais, praias escondidas e sombras móveis projetadas pelo relevo alpino. Ao atravessar o centro histórico, a rota se aproxima de Annecy em sua versão mais urbana: um núcleo medieval cortado por canais, pontes e fachadas floridas, que lhe rendeu o apelido de Veneza

dos Alpes. O trajeto, quase sempre plano e asfaltado, é acessível mesmo para quem pedala sem ambições atléticas. Já quem busca esforço e ganho de altitude encontra nos arredores subidas mais técnicas, como a que leva ao Col de la Forclaz, um passo de montanha localizado acima do Lago de Annecy. Lá de cima, o lago se impõe novamente: amplo, silencioso e perfeitamente encaixado entre as montanhas.

O caminho que parte para a próxima parada, Megève, tem cerca de 65 km, com a média de 1h10 de viagem, e merece calma. Isso porque uma pausa pede tempo e atenção, a Grotte et Cascade de Seythenex: uma caverna calcária com uma cascata de mais de 45 m. Estalactites e formações esculpidas ao longo de milhares de anos acompanham o caminho, que pode ser percorrido com um guia local em cerca de 30 minutos. É um desvio rápido, mas que transforma a travessia entre Annecy e Megève numa pequena expedição geológica.

MEGÈVE: ELEGÂNCIA ALPINA, CENÁRIO RADICAL

Enquanto Annecy se espalha em torno do lago, Megève concentra tudo em torno da montanha. A vila, a mais de mil metros de altitude, parece suspensa em outro tempo. Com ruas de pedra, fachadas de ma-

Remar no Lago Annecy é uma das formas mais sensoriais de compreender a geografia, alcançar margens preservadas e vencer trechos desafiadores



Acima, vista do Lago Annecy através da fenda na Grotte des Sarrasins, no Roc de Chère e os canais de Vieux Annecy. Na página ao lado, trilhas propícias para esportes se abrem diante da cadeia do Mont Blanc



deira e um cenário que preserva, mesmo no verão, a arquitetura e o clima de inverno. Criada no início do século XX pela família Rothschild como uma resposta francesa a St. Moritz, Megève manteve a aura de destino sofisticado sem se tornar caricata.

Com mais de 100 km de rotas sinalizadas para *mountain bike* e *e-bike*, Megève funciona como um parque de diversões alpino sobre duas rodas. As trilhas variam por trechos leves, por florestas e pastos, e percursos técnicos, com grandes desníveis e vistas panorâmicas. Entre os destaques estão o Tour du Jaillet, com 11 km e cerca de 360 m de ganho de altitude, e o extenso circuito Belvédères de Megève, com 45 km e mais de 2,3 mil metros de desnível positivo, ideal para os ciclistas experientes. Operadoras locais oferecem roteiros guiados com *e-bikes full suspension*

e saídas ao nascer ou pôr do sol, combinando esforço físico, conforto e paisagem.

No coração de Megève, o Hôtel Cœur de Megève se destaca como um refúgio contemporâneo sem perder o charme alpino: são 38 suítes decoradas de madeira, ligadas por *lounges* acolhedores e pelo spa, com sauna, banho finlandês e tratamentos assinados pela Tata Harper, que oferece uma bela e silenciosa pausa após longos dias de pedal.

No verão, destinos moldados pela neve revelam outras camadas de beleza. Sem os excessos do inverno, as paisagens antes cobertas ganham textura, cor e tranquilidade. Caminhos se abrem, lagos se mostram e o tempo desacelera, como quem sabe que ali tudo dura pouco. É nessa brecha da temporada que a montanha respira e quem passa respira com ela. 📍





BEM-ESTAR

O melhor das Dolomitas

No norte da Itália, wellness real entre trilhas, spa, mesas locais e a cultura ladina de Corvara, no coração do Alto Ádige italiano

POR JULIANA A. SAAD



FOTOS: DIVULGAÇÃO ALTA BADIA/ ALEX MOLLING E JU SAAD

T

rês horas de estrada desde Veneza bastam para mudar tudo. O asfalto serpenteia florestas, campos floridos e vilarejos encaixados em escarpas calcárias, até que, entre Trento e Bolzano, as Dolomitas se revelam: torres de rocha clara com mais de 3 mil metros de altura, uma luz dourada, girando com o dia, e silhuetas minerais que redesenham o céu. Reconhecida pela UNESCO, essa cordilheira dos Alpes italianos abriga vales onde ainda se fala ladino – um idioma ancestral que convive com o italiano e o alemão, num cotidiano trilingue. O maciço do Sella marca o centro geológico da região e separa os vales de Gardena, Fassa e Badia. Alta Badia ocupa esse último, com uma rede de vilarejos ligados por gôndolas, trilhas e refúgios de altitude. Aqui o bem-estar dita o ritmo.

Acima, pastos alpinos da Alta Badia, no Parque Natural Puez–Odle. Na página ao lado, gôndolas conectam os vales e cumes, com acesso direto a trilhas e refúgios, e gazeta com notícias da região



BËGNODÛS A LA PERLA (SEJA BEM-VINDO EM LADINO)

Corvara, um vilarejo cercado pelo Parque Natural Puez–Odle e dominado pelo Sassongher (de 2.665 m), é o coração de Alta Badia – e endereço do encantador Hotel La Perla, conduzido com alma pela família Costa desde 1956. A gentil equipe – atenciosa, elegante, de vestidos bordados, aventais de linho e coletes alpinos – chama pelo nome, sorri com os olhos e antecipa os gestos. No café da manhã, uma *gazette* impressa traz informações sobre o clima e notícias da região. Os cinco restaurantes se espalham pelo chalé, entre salas com livros, flores, madeiras antigas e objetos regionais. Há um spa com vista para as montanhas e uma adega com mais de 30 mil garrafas. No jardim ao lado da igreja, horta, uma casa na árvore e uma *birreria*, no antigo estábulo, compõem a cena. As suítes têm madeira clara, tecidos naturais, piso aquecido e *amenities* botânicas, com janelas e varandas voltadas para a paisagem. O Dolomiti Express, o ônibus vintage do hotel, cruza a vila devagar. O La Perla integra a Leading Hotels of the World e combina alta hospitalidade com cultura ladina e requinte nos detalhes. A Costa Family Foundation promove ações ligadas à cultura local e à Economia do Bem Comum, um movimento europeu baseado em vínculos éticos e sustentáveis.



En sentido horário, o percurso térmico Kneipp Path, no spa do hotel, colheita na horta orgânica e pão moldado à mão na cozinha do La Perla

FOTOS: JU SAAD, DIVULGAÇÃO LA PERLA, DIVULGAÇÃO ALTA BADIA/ALEX MOLING E MATTEO MOCELLIN

WELLNESS – SALUS PER AQUAM

O spa é um mundo à parte. A piscina aquecida, com jatos submersos, temperatura de 30 °C, borda orgânica e ponte de madeira, se abre para o vale e reflete o Sassongher em suas janelas amplas. A forma sinuosa evoca um lago alpino, com profundidade gradual e áreas de descanso aquático. O percurso térmico inclui o Kneipp Path, uma bio sauna de pinho-silvestre com aroma de feno seco, sauna seca a 90 °C, *hammam* com óleos essenciais e sala de gelo com neve moída e duchas de eucalipto. A *stube* de relaxamento tem janelas voltadas para o vale. Cada cabine foi construída com uma madeira diferente, levando em conta suas propriedades terapêuticas. Os protocolos, assinados pela experiente *spa manager* Anna Fusari, visam o relaxamento, a recuperação e um *reset* total. A Sassongher Massage atua na fáscia muscular, com alongamentos passivos, pressão profunda e óleo de arnica – ideal após trilhas, pedaladas ou esqui. A Sensory Path combina esfoliação, drenagem fa-

Um mundo à parte no La Perla, o spa tem protocolos que visam o relaxamento, a recuperação e um *reset* total do corpo

Acima, em sentido horário, piscina-lago com vista para o Sassongher, aromas da Legal Enica e sala de massagem no spa do La Perla



cial e produtos botânicos alpinos da Legal Enica, ajustados ao estado físico e emocional de cada hóspede. As terapeutas são altamente treinadas, e a atmosfera, de pura indulgência e bem-estar natural.

A GASTRONOMIA COMO EXTENSÃO DO BEM-ESTAR

No La Stüa de Michil, estrelado pelo *Guia Michelin*, o brilhante *chef* Simone Cantafio assina uma cozinha sensorial inspirada em três culturas (italiana, japonesa e francesa), com ingredientes sazonais de produtores locais. O menu degustação The Earth Is Alive propõe uma sequência intuitiva – com pratos como Walk in the Woods e Dedicated to Mamma Patty, harmonizados com rótulos raros da cave do hotel –, que deixa estrelas no céu da boca. No ótimo Les Stües, o *chef* Riccardo Forzan apresenta pratos com sotaque alpino e perfume de ervas das montanhas. Já no histórico Ladinia, o *chef* Antonio Ferrara celebra saborosas receitas locais em clima de chalé preservado. Em



A beleza dramática da região
acentuada pelas cores do
Lago Carezza



todos, ingredientes locais e talento elevam a boa mesa às alturas – em pratos delícia, que fazem bem à alma. Não por acaso, o episódio 3 da série *Tucci in Italy* teve o Trentino-Alto Ádige como cenário, com foco na gastronomia e na cultura da região.

AVENTURAS DE ALTA MONTANHA

No inverno, o ski é *in/out*, com pistas ao redor do La Perla. No verão, a trilha também começa na porta do hotel. Com a superguia alpina Stefka Consuelo, fez a travessia do planalto de Pralongiá – gôndola Col Alto, cadeira Braia Fraida e prados floridos até o Ütia Bioch, a 2.079 m. Com menu e carta de vinhos premiados, o refúgio de Markus Valentini tem uma das melhores vistas da região. De um lado, o grupo Sella e o Sassongher e, do outro, a Marmolada, o ponto mais alto das Dolomitas. O almoço no terraço – entre trilheiros, ciclistas e o frescor do Sambuco, um cordial de flor de sabugueiro com água gasosa – é o verdadeiro bem-estar em altitude, típico do Tirol do Sul.

Outra rota parte de Corvara a Colfosco. Subimos pelas gôndolas Sodlisia e Plans-Frara até os quase 2200 metros do Gardena Pass. A trilha serpenteia o vale entre pastos verdes, rochas claras, pinheiros baixos e cabanas de madeira, com o Sassolungo à frente. No alto, o Jimmi Hütte, a 2.200 m, preserva o espírito tirolês, com espreguiçadeiras voltadas para

O bem-estar se expande além do spa, com experiências *outdoor*, esqui no inverno, vistas deslumbrantes e os prazeres da gastronomia regional

FOTOS: DIVULGAÇÃO ALTA BADIA/FREDDY PLANINSCHKEK E DIVULGAÇÃO LA PERLA



os paredões do grupo Sella, Langkofel e as torres Cir. O corpo desacelera entre goles de *affogato* e a vista do Piz Boè, o mais alto do grupo Sella, a 3.152 m.

Vale subir aos mirantes do Piz La Ila, onde o Club Moritzino (2.100 m), comandado por Alexandre Craffonara, combina DJs e pratos e vinhos em alto estilo. A gôndola parte do centro de La Villa, cortando o céu em uma inclinação vertiginosa. Do terraço, veem-se o Vale de Alta Badia, o Gardenaccia e o Maciço do Fanes, a base para trilhas, *bike*, esqui e parte do circuito Sellaronda.

Acima, Corvara, no vale da Alta Badia, aos pés do Sassongher, um dos picos das Dolomitas. Na página ao lado, vista sobre o La Perla, desde 1956 guiado pela família Costa

NATUREZA SURREAL

Os lagos completam a paisagem: o Sompunt, com a Montanha Santa Croce ao fundo, o Braies, cercado por florestas, e o Carezza, de fundo esmeralda, que reflete o Latemar. As Dolomitas sediam eventos esportivos e degustações em meio à natureza. A Vins Alaleria acontece ao ar livre, com a curadoria do sommelier André Senoner, eleito o melhor da Itália. O arquiteto Le Corbusier disse que “as Dolomitas são a mais bela obra arquitetônica do mundo”. Basta olhar em volta para confirmar. 📍

BENEFÍCIOS
EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



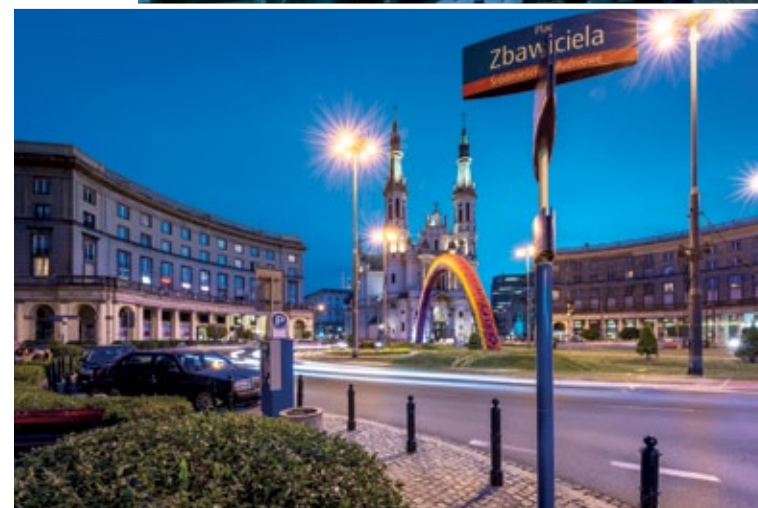
Varsóvia: em busca do arco-íris

Ainda tímida, mas promissora na cena LGBT+, a capital da Polônia reverbera o passado, com resiliência, e acena para um futuro brilhante

POR ANDRÉ FISCHER



Ao lado, vista do moderno centro de Varsóvia. Abaixo, da esquerda para a direita, cores do amor livre na Plac Zbawiciela, cartaz do LGBT Film Festival Poland e drags no mesmo festival



Há algo de intrigante na inquieta Varsóvia... Uma cidade que pulsa entre um passado em ruínas e um futuro que ainda se desenha, em que o brutalismo soviético convive com arranha-céus de vidro, e onde a cena *queer* não apenas resiste, reverbera.

Estive em Varsóvia recentemente, durante o 16º LGBT+ Film Festival Poland. O festival-festa acontece na cinemateca do monumental Palácio da Cultura e da Ciência, um colosso da era comunista que virou um símbolo da própria complexidade do país. Do alto do mirante de 360°, e onde a visita à cidade deve sempre começar, vê-se uma Varsóvia múltipla: cinza, verde, vertical, em movimento.

Com preços em geral mais acessíveis do que os da Europa Ocidental (muito próximos aos do Brasil), a cidade ainda não tem um bairro gay definido, mas concentra seu fervor em alguns eixos. Destaque para os arredores da Plac Zbawiciela e da Rua Oleandrow, com bandeiras arco-íris compondo a paisagem com cartazes de festas e manifestações culturais *queer*.



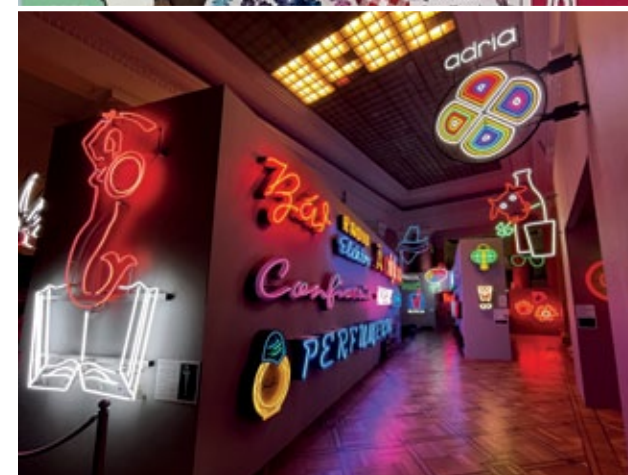
Ao lado, drags comandam o show no Pose, ambiente do Ramona Bar e vista sobre a cidade antiga de Varsóvia às margens do Rio Vístula. Na página ao lado, composição de pôsteres e sala do QueerMuzeum, e o Neon Muzeum



Em processo de transformação, Varsóvia desenha uma nova identidade mais colorida, moderna e festiva

A cena noturna vive um momento de expansão. No Pose, drags comandam shows para uma pista com muita animação. Bares como Ramona e Miedzy Nami e clubes como Glam e Metropolis ainda guardam o espírito meio retrô de boates de décadas passadas e as saunas oferecem espaço para o desejo mais anônimo.

Cruzando o Rio Vístula em direção à charmosa Saská Kępa, o ritmo muda: ruas arborizadas, arquitetura modernista, cafés e galerias que lembram o portenho Palermo Soho. Por ali, o Neon Muzeum preserva antigas propagandas comunistas, agora relidas como arte pop, em um remix visual da memória e das contradições polonesas.



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

A história está por toda parte: do antigo Gueto de Varsóvia ao centro histórico, reconstruído tijolo por tijolo após ser totalmente arrasado na Segunda Guerra. A cidade faz questão de lembrar suas ausências, mas também abre espaço para novas presenças.

A inauguração do QueerMuzeum, no ano passado, afirma Varsóvia como uma capital que inscreve a diversidade e a dissidência em sua política cultural. Em um país onde o casamento igualitário ainda não é lei, mas o apoio público cresce, a capital emerge como um laboratório de futuros possíveis e oferece um convite para imaginar o que ainda pode ser. 📍



ENSAIO

Entender o Mar para entender a Terra

Barbara Veiga registra a vida entre oceanos, imagens e histórias





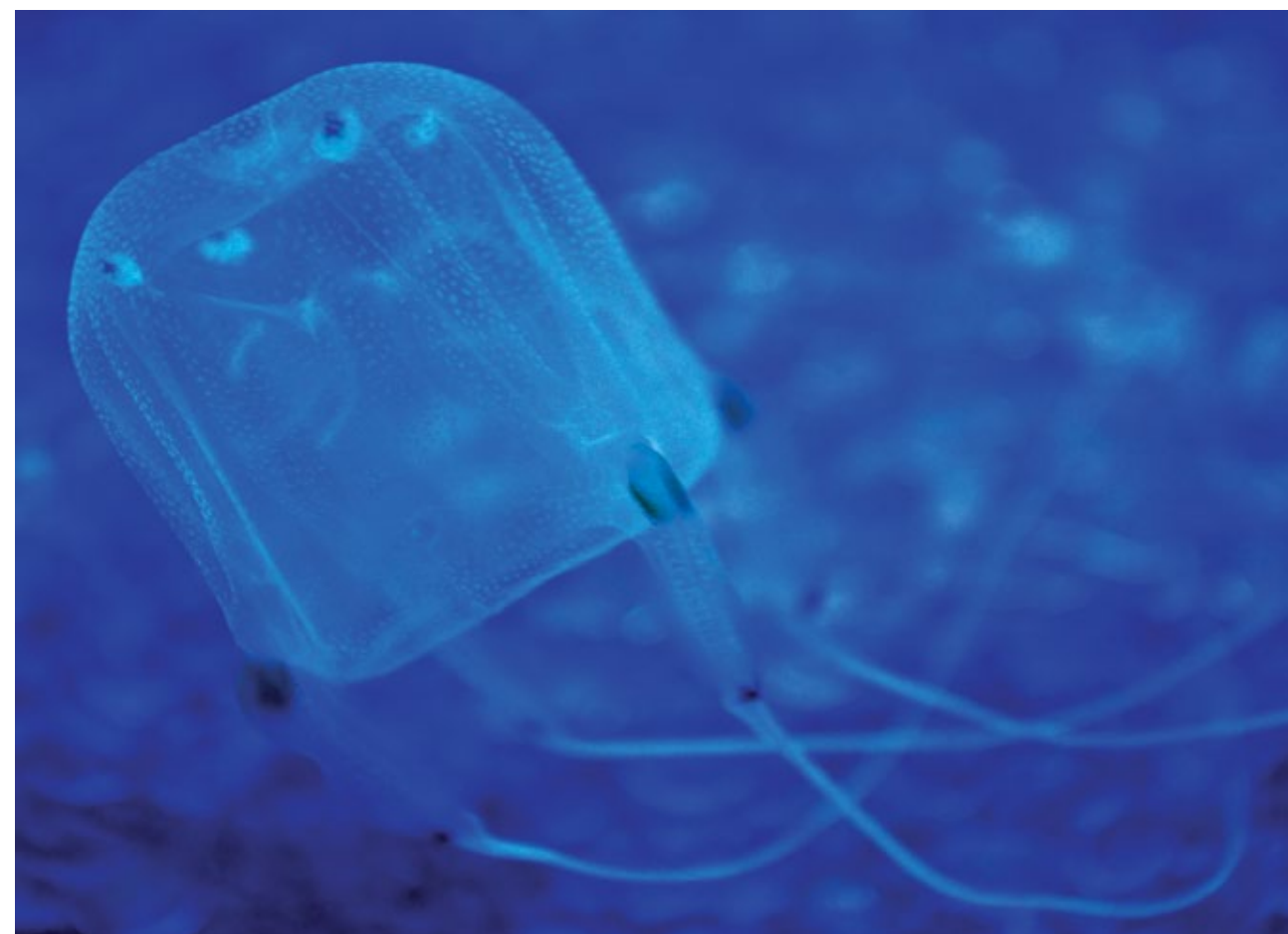
Com uma câmera emprestada aos 13 anos, Barbara Veiga descobriu o poder da imagem ao fotografar personagens no centro do Rio de Janeiro. “Eu me interessava pela história dessas pessoas. Uma baiana vendendo acarajé, uma senhora que fazia joias, uma viajante artista. Aquelas vidas me tocavam.” A partir desse encontro inicial com a fotografia e a escuta, ela construiu uma trajetória de mais de 25 anos, marcada pela arte, pela natureza e pelo ativismo.

Tocada desde pequena pela curiosidade científica – “Queria entender quais espécies estavam ao meu redor quando flutuava no mar” –, Barbara embarcou em missões com organizações ambientais, navegou por cerca de 90 países e viveu quatro anos em um veleiro próprio, entre a Tailândia e a Turquia. “A fotografia era a extensão do meu corpo, minha forma de expressão”, afirma. Na água, ela desenvolveu uma relação visceral com a vida marinha. “Nadar com baleias em Tonga, Fiji e Taiti foi uma experiência das mais transfor-

madoras. E sentir o canto delas vibrando no meu corpo foi indescritível.”

Entre os cenários marcantes de sua carreira estão a Amazônia, a Antártica e ilhas como Taiti e Maldivas – lugares que lhe ensinaram a beleza, mas também a fragilidade. “Quero mostrar o que ainda há de bonito na humanidade e na natureza”, diz. Seu trabalho, entre a estética e a ciência, é também uma forma de resistência poética.

Autora da biografia *Sete Anos em Sete Mares*, Barbara compartilha sua jornada em defesa do meio ambiente com a mesma paixão com que fotografa. “Espero inspirar pessoas que ainda não entendem tanto sobre o tema e caminhar com elas para um lugar de conhecimento mais profundo.” Ícones como a oceanógrafa Sylvia Earle e o naturalista David Attenborough guiam suas escolhas. Mas é na arte performativa que encontra a sua maior referência: “A minha grande influência é Marina Abramović. Sonho um dia poder abraçá-la e dividir com ela tudo o que carregou”. Para Barbara, a arte e a natureza são inseparáveis. “Quero usar a arte como uma ferramenta para sentir o planeta.” 📍





GASTRONOMIA

Óleo essencial

Há milênios, o azeite é uma presença constante na vida dos humanos, com usos variados, que vão além das tradicionais gotas de prazer à mesa. Degustar o ouro líquido é uma viagem para o paladar, possível em aziendas em diferentes regiões do mundo

POR MAURO MARCELO ALVES

N

inguém sabe como foi a primeira extração, mas certamente um punhado de azeitonas foi esmagado com uma pedra e um filete de óleo correu após certo tempo. Assim como o suco de uvas espremidas em alguma cavidade deu origem espontânea ao vinho, o azeite é um milagre do acaso pelas mãos humanas. E já são milênios de história desse bem precioso, usado na alimentação, em produtos cosméticos, massagens, rituais religiosos, como remédio popular e até na iluminação de ambientes em outras eras. Hoje espalhado por várias regiões do planeta, ele é um ícone do bom gosto na gastronomia e marcas de vários países procuram seduzir os consumidores com aromas e sutilezas de sabor.

O crescimento da produção e do consumo foi impulsionado pela mecanização da extração do azeite, um processo peculiar que se iniciou na Antiguidade, com as azeitonas sendo esmagadas em pilão de pedra juntamente com água quente, passando para os rolos de pedra em um moinho circular até chegar à prensa e à centrifugação, processos modernos para extrair e separar a pasta de azeitona do óleo. Como seria de esperar, a inteligência artificial já está chegando ao campo em pesquisas feitas na Itália e na Espanha, com algoritmos que analisam os padrões climáticos durante o período do ciclo de cultivo da oliveira, determinando o melhor momento para a colheita.

Ao lado, agricultora separa as folhas das azeitonas colhidas para o preparo do azeite. Na outra página, campos de oliveiras e a Acrópole de Atenas ao fundo



Todos esses cuidados são necessários, sobretudo, para a produção dos melhores azeites extravirgem, aqueles prensados a frio – expressão relacionada aos métodos artesanais, quando as azeitonas são processadas a uma temperatura de até 27 °C. Isso permite ao azeite manter seus principais nutrientes, gorduras saudáveis e antioxidantes, que, está provado, atenuam o envelhecimento e protegem a saúde cardiovascular, sendo uma das bases da dieta mediterrânea.

Outro ponto importante se refere ao teor de acidez, algo que deve sempre ser verificado no rótulo no momento da compra. Pela legislação internacional, o azeite extravirgem deve ter uma acidez inferior a 0,8%. Um índice menor que esse significa que a extração foi feita com azeitonas em um bom ponto de maturação e de forma cuidadosa, da colheita ao processamento.

O cultivo da oliveira sempre foi associado ao clima mediterrâneo, com bastante sol, temperaturas quentes no verão, invernos amenos e solo bem drenado, o que acaba por traduzir o ranking dos maiores produtores de azeite do mundo: Espanha, Itália, Grécia, Turquia, Tunísia, Portugal e França. A eles se juntam Marrocos, Argélia, Síria e Egito, em menor proporção. Por muito tempo, acreditou-se que outras regiões não seriam adequadas ao plantio, mas Argentina, Chile, Austrália, Estados Unidos, Japão, China e Brasil entraram no clube com variedades tradicionais, como Arbequina, Grappolo, Koroneiki, Frantoio, Coratina, Verdeal, Manzanilla, Picholine e Hojiblanca. Existem mais de 2 mil variedades no mundo, mas essas são as mais utilizadas.





VIAJANDO COM OS MELHORES

Uma viagem atrás dos melhores azeites nos leva de imediato a Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, com marcas premiadas em concursos internacionais, como Orfeu, Mantikir, Sabiá, Prosperato e Verde Louro, todas com perfil tropical, de acidez baixa. E também a países vizinhos, como a Argentina, onde, em Mendoza, oliveiras adjacentes a vinhedos dão origem ao Zuelo by Zuccardi, elaborado com práticas sustentáveis. E o Chile, que possui condições climáticas e de solo próximas às da região mediterrânea, onde se destacam produtos premium das empresas Deleyda e Las Doscientas. Com exceção de Las Doscientas, todas as outras marcas citadas permitem visitas ao lagar, com degustações e palestras sobre o “ouro líquido”.

Próxima parada: Grécia, um dos berços históricos do azeite, com oliveiras ancestrais, método de extração a frio e sabores profundos, como os da The Governor, produzidos na Ilha de Corfu, e da Liá, em Messínia. Ambas recebem para imersões no campo, extração e degustação. Na Turquia, variedades autóctones, como Ayvalık, Memecik e Trilye, geram bons azeites, como Novavera e Yüdü Egemden.

O Marrocos também é herdeiro de influências fenícias e romanas, com plantações em Meknès, Marrakech, Fès, Ouazzane, Rabat e



Acima, o olival do Parque Regional do Luberon sob o Castelo de Ansouis, na Provença, região de tradição produtora secular, e rótulos da marca brasileira Orfeu. Na página ao lado, em sentido horário, uma oliveira carregada em Mendoza, experiência de degustação na The Governor, na Ilha de Corfu, e o “ouro líquido” como tempero de salada mediterrânea





Acima, variedade de azeites de diferentes produtores. Ao lado, a azeitona *in natura*, que dá origem ao azeite

outras regiões, com marcas fortes, como Noor Fès et Zouitina. A Argélia se destaca na região de Djelfa, com os azeites Baghlia e Ardhi, enquanto a Tunísia, com um cultivo orgânico expressivo, se destaca com produtos como Fendrihuile, na região de Sfax, Adonis, em Testour, e Olivko, em Béja. A Síria, um tradicional produtor, ainda sofre as consequências de conflitos recentes e incertezas em sua exportação. No Egito, de múltiplos usos do azeite na época dos faraós, o cultivo hoje é quase todo voltado para a azeitona de mesa, mas a produção do óleo está em crescimento.

Já a Provença, a bela região do sul da França, mantém sua tradição secular, com muitos rótulos de nicho, entre eles Château d’Estoublon, Moulin des Costes e Moulin Castelas, esses dois últimos com degustação local e venda. A Espanha, o maior produtor mundial, com extensos olivais cobrindo boa parte da Andaluzia, exibe rótulos de prestígio, como Castillo de Canena, Oro del Desierto e Dehesa El Molinillo, este em Castilla-La Mancha. A Itália se destaca na Toscana e na Lombar-

Assim como o vinho, os aromas e sabores são determinantes ao provar um azeite e, assim, atestar sua qualidade



Acima, vista sobre o Moulin Castelas, em Les Baux-de-Provence, e mesa arrumada para degustação na mesma propriedade produtora

dia, com seus extravirgens de cultivares históricos e frutados intensos, como o Frantoio Franci e o Comincioli, ambas *aziendas* com degustações sob reserva. Portugal, que consagra o azeite na culinária, produz principalmente no Alentejo e em Trás-os-Montes e tem boas marcas, como Herdade do Esporão e Carm, orgânicos.

A DEGUSTAÇÃO

Assim como o vinho, os aromas e sabores são determinantes ao provar um azeite. A única diferença é a cor, que não importa muito na avaliação (verde ou dourada), pois depende da variedade utilizada. Por isso, os degustadores profissionais usam pequenos copos azuis ou vermelhos para não ser influenciados por ela e se concentram nas características aromáticas, com o frutado revelando azeitonas saudáveis e frescas, verdes ou maduras, que podem lembrar ervas, grama recém-cortada, tomate, casca de banana, nozes, castanhas ou maçã.

Na boca, a ardência (a sensação de formigamento no palato e na garganta) é própria dos azeites produzidos no início da safra, com azeitonas ainda bem verdes, enquanto o amargor é elementar e característico do azeite obtido a partir de azeitonas maturadas ou em processo de maturação. Escolher vai do gosto adquirido de cada um, com os mais simples sendo usados no cozimento e os mais intensos e aromáticos sendo ideais para ser adicionados à comida, fria ou quente, no último momento. Prazer garantido! 📍



AVENTURA

ALMA INDOMADA

*Uma aventura pelo ancestral e rigoroso Deserto do Namibe
impacta pela profusão de contrastes, pela potência
de seus cenários descomunais e pelo emocionante encontro
com a resiliente história do povo Himba*

POR CAROLINA SAGESSER RODRIGUES FOTOS VICTOR COLLOR



Do céu, o imenso Mar de Dunas da Namíbia se desenha como um delírio óptico, que confunde a vista e instiga a mente. O cenário se assemelha a incontáveis espinhas dorsais conectadas por vértebras que formam uma corrente ondulada única, e em constante movimento. Aos poucos, o Rio Kuiseb surge no horizonte, demarcando abruptamente o fim dos mais de 30 mil quilômetros quadrados de areias avermelhadas. Logo além de sua margem, ergue-se um panorama alvadio – a minha primeira testemunha dos grandes contrastes das paisagens do deserto mais antigo do mundo, o Deserto do Namibe. Cruzar, pelos ares, seus quase 2 mil quilômetros de extensão me provoca o ímpeto de compreender seu excesso de nada. Até que, aos poucos, me dou conta de que o vazio não é sinônimo de ausência, e sim de intimidade.

As condições áridas e extremas do deserto serviram de inspiração para o batismo do país, em 1990. A palavra *namib* significa, na língua nãamá, “vasto lugar onde não há nada”, o que não só representa suas áreas amplas, mas também a escassez de pessoas em tanto espaço. Situada no sudoeste da África, entre Angola, Botsuana

Acima, o Deadvlei com
árvores milenares. Ao lado,
ambientes do charmoso
Wilderness Little Kulala,
cercado pelo deserto





e África do Sul, a Namíbia, uma ex-colônia alemã, é um dos países com menor densidade populacional do mundo, com apenas três pessoas por quilômetro quadrado. O deserto se estende por toda a costa do país. Foi esse o cenário de uma fascinante jornada de 14 dias, impactada pelas paisagens planetárias e pela percepção das maneiras como os seres sobrevivem em um lugar tão árido.

TERRA SECA

Vejo o primeiro nascer do sol ao longo do leito do Rio Tsauchab, ladeado por colinas de areia vermelha, que agora, vistas do solo, são colossais. Markus, meu guia, explica que a cor vem do quartzo recoberto por óxido de ferro e que o rio deságua em Sossusvlei, ou “pântano sem saída”. Encaro a subida da Duna Big Daddy, com mais de 320 m de altura. Sob um céu absurdamente azul, enxergar o fim das cristas se torna um desafio – e a vontade é seguir caminhando por elas. Desço dando pequenos saltos, enquanto o solo arenoso me amortece, até que ele cede lugar à argila branca: o território de Deadvlei. O chão, rachado como uma porcelana antiga, guarda o que restou de um lago abundante, hoje guardado por árvores mortas, que seguem de pé, petrificadas pelo tempo e pela aridez.

Meu alento em meio à paisagem é o Wilderness Little Kulala, um oásis onde o luxo sussurra em sintonia com o silêncio e a vastidão ao redor. Suas vi-

las, de elegância discreta, parecem se diluir no deserto. Cada uma delas conta ainda com uma cama ao ar livre, onde me embalo todas as noites sob o cuidado das estrelas e dos chacais residentes. Além da localização privilegiada para quem quer desbravar Sossusvlei, a região do *lodge* se revela ainda mais mágica. A aventura pode ser sobre um quadriciclo, enquanto se observam grupos de órixes (uma espécie de bovívdeo nativo) ou avestruzes sob um pôr do sol incandescente, ou a bordo de uma cesta de balão da Namib Sky Adventures, com uma vista absolutamente singular. Quem desponta dessa vez são montanhas em tons pardacentos, espalhadas por uma planície bege, decorada pelos “círculos de fadas”, que são misteriosos anéis de vegetação cercados por gramíneas. É um desses fenômenos da natureza que nenhum humano consegue explicar.

SABEDORIA HIMBA

Nosso próximo destino, ao extremo noroeste do país, é a insólita Serra Cafema. O pouso em uma pista de areia, flanqueada apenas por montanhas, antecipa o caráter remoto de nossa localização. O Wilderness Serra Cafema é o único meio de hospedagem por esses lados. Aninhado à beira do Rio Kunene, o *lodge* conta com uma estética mais aventureira, percebo, enquanto degusto uma Amarula com café e avisto Angola logo na outra margem do rio, repleto de crocodilos fluindo com a correnteza.



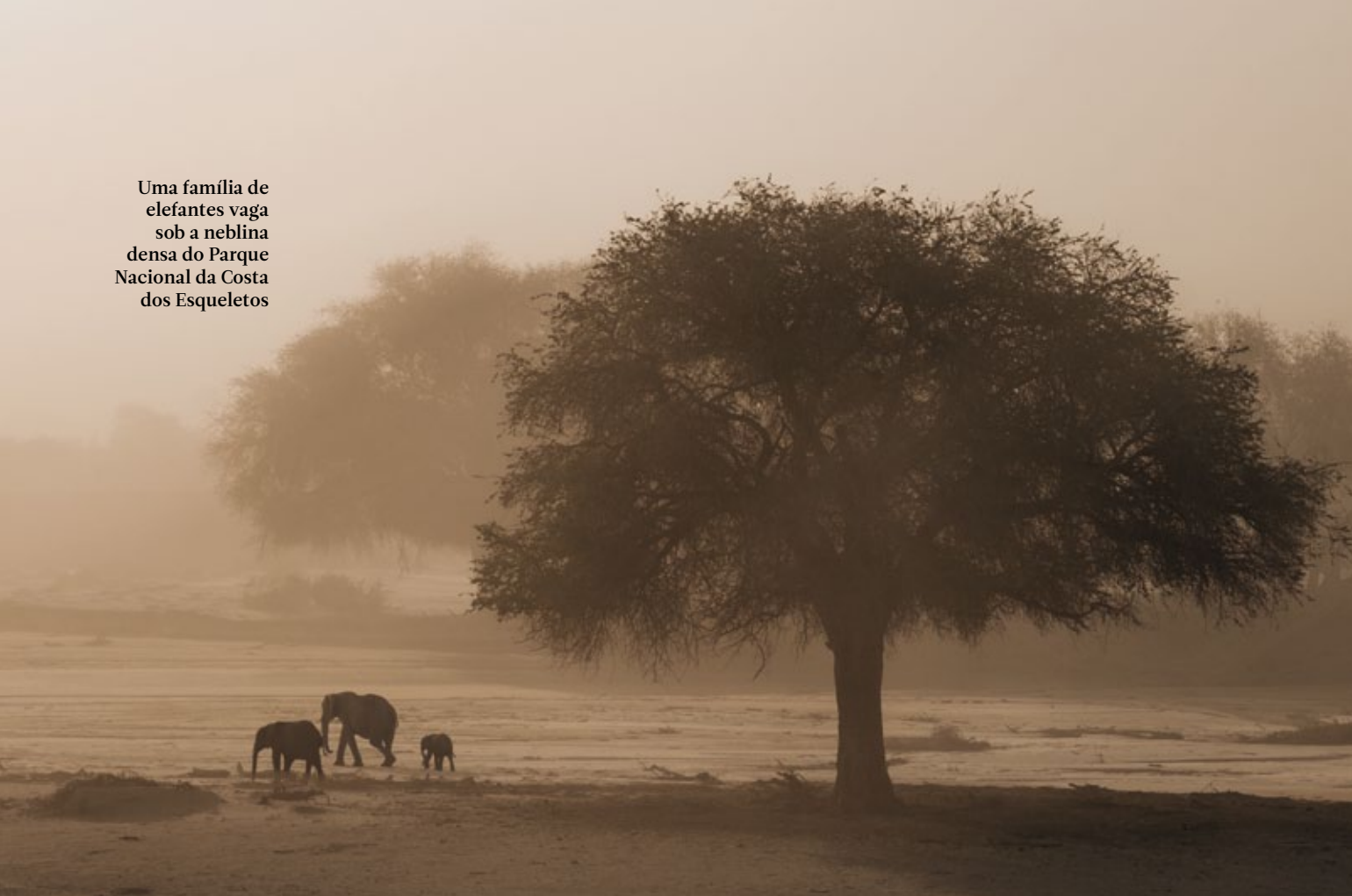
Acima, Karime, mulher Himba, com ornamentos que simbolizam sua identidade. Ao lado e abaixo, tenda e deck do Wilderness Serra Cafema. Na página ao lado, voo de balão sobre o deserto mais antigo do mundo





Mulheres Himba
ao nascer do
sol, guardiãs
de suas terras e
perpetuadoras
do legado de seu
povo

Uma família de elefantes vaga sob a neblina densa do Parque Nacional da Costa dos Esqueletos



Esse território inóspito me proporciona um encontro inédito. Sua terra dourada e severa é morada de isolados vilarejos do povo Himba, um dos mais antigos do planeta. Tenho a oportunidade de visitar a miúda vila nômade de Karime, onde uma mulher monumental emerge de uma singela casa feita de barro, madeira e esterco. Seus cabelos e pele são protegidos e embelezados pelo *otjize*, uma mistura vermelha de ocre e gordura animal. Suas tradições, enraizadas na subsistência pastoril, na espiritualidade dos saberes anciãos e no cuidado delicado com o outro, me despertam para algo essencial: aqui a intimidade não é necessariamente um sinônimo de proximidade, mas de pertencimento atento e desacelerado.

Decido me aventurar de quadriciclo pelas jovens dunas de Serra Cafema. Do alto de uma delas, troco confissões com Clement, meu guia. Além dos *lodges* audaciosos, a Wilderness se diferencia por seus profissionais, sempre essenciais para enriquecer as experiências. Falamos sobre o valor incalculável do tempo e da discrepância entre os ciclos das formas da natureza e o de uma vida humana. A volta, no escuro, acende e acalma meus instintos, que são confortados com uma bela fogueira e um churrasco delicioso nos domínios do *camp*.

EVOLUÇÃO E RESILIÊNCIA

A chegada enevoadá à região da Costa dos Esqueletos me remete a um lugar suspenso no tempo. Tempestades de areia tingem o horizonte, em tom sépia, como se tudo ao redor tivesse a mesma cor, mas em intensidades diferentes. Em alguns momentos, me imagino como se estivesse em Marte, mas logo as árvores e os animais me fazem aterrisar: ao contrário dos astros do universo, aqui a vida se concretiza de

A vida animal na Costa dos Esqueletos não é a expressão de força bruta, mas da arte da adaptação



Acima, uma das inúmeras colônias de lobos-marinhos na Costa dos Esqueletos. Ao lado, o fascinante Wilderness Hoanib Skeleton Coast e, abaixo, o leão Oupie, predador de girafas na região





forma surpreendente. Vistas de fora, as tendas do Wilderness Hoanib parecem habitats futuristas, mas, por dentro, sua decoração acolhe.

A vida animal nesse parque nacional não é a expressão de força bruta, mas da arte da adaptação. Os animais possuem colorações diferentes, tamanhos menores e comportamentos mais resilientes se comparados aos que vivem nas savanas. Ao longo do leito do Rio Hoanib, avisto girafas, guepardos e elefantes, mas é ao amanhecer que a figura de um leão surge na névoa. O animal parece exausto após uma noite saboreando sua presa, uma bela girafa, que, segundo Ben, meu guia, é o alimento predileto desse indivíduo específico. Observo enquanto uma leoa se aproxima e a escassez de comida se transforma em um pequeno confronto instintivo.

Um voo panorâmico me desloca até a área do parque que encontra o Atlântico. O nevoeiro misterioso nasce do choque entre o ar quente do deserto e o ar frio da Corrente de Benguela, um vapor que se transforma, ao mesmo tempo, em fonte e risco de vida. Praias de pedras pretas servem de palco para colônias de lobos-marinhos e cemitérios de navios. Esses últimos, vítimas da natureza indomada da Namíbia, com suas correntes traiçoeiras e fortes ventos. No retorno, o infindável deserto explica, sem esforço, o motivo da baixa presença humana.

GRANDE ENCONTRO

Um inesperado carpete de grama vibrante, coberto de pequenas flores brancas, me recebe para o último destino – a concessão de Palmwag,



O recém-reformado Wilderness Rhino Camp. Acima, grupo de girafas adaptadas ao deserto. Na página ao lado, springboks (espécie de antílope) correm pela concessão de Palmwag e rangers preenchem o “diário dos rinocerontes” no Wilderness Desert Rhino Camp



Acima, quarto e terraço do The Olive Exclusive Hotel, em Windhoek. Na página ao lado, Arthur, um dos poucos rinocerontes-negros de Palmwag, no Wilderness Desert Rhino Camp

onde fica o elegante Wilderness Desert Rhino Camp. Feito de pedras terrosas, esse *lodge* tem uma missão especial, em um trabalho conjunto com as três comunidades locais e a ONG Save the Rhino Trust: proteger os raros rinocerontes-negros adaptados ao deserto. Para viver alguns minutos com eles, é preciso caminhar. Trata-se da maior comunidade de rinocerontes-negros adaptados ao deserto em liberdade no planeta, protegidos em uma área de 5,5 mil quilômetros quadrados.

Segundo Denso, um dos *rangers*, a ideia é que os viajantes se sintam parte da iniciativa. Tenho a sorte de avistar três deles, levando em conta que um dos encontros acontece após uma sequência de pistas coletadas. Trata-se de uma minuciosa investigação: numa paisagem de chapadas monumentais e cumes pontiagudos, os *rangers* captam as pegadas e determinam sua direção, encontram o local onde o animal tomou um banho de lama e onde marcou seu território, obliterando o rastro das fêmeas, até avistá-lo

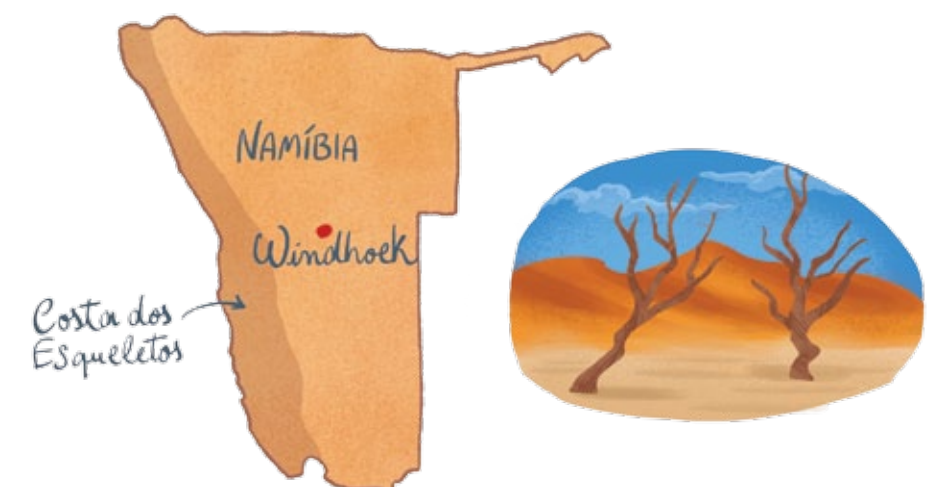
entre arbustos. Caminhamos a uma distância segura dele, perdendo-o de vista no topo da montanha.

A verdade é que a Wilderness vai além da hospitalidade: é uma empresa de conservação. Proteger os lugares onde atua, explorar com integridade e expandir suas áreas de preservação são os pilares que a mantêm em cenários tão indomados. O cuidado em contratar pessoas de comunidades fomenta novas oportunidades e tece vínculos com a natureza. Mais do que viajar, a Wilderness abre portas para ampliar a consciência sobre o nosso planeta.

Antes de embarcar de volta ao Brasil, uma parada na capital, Windhoek, onde me hospedo no The Olive Exclusive, hotel que faz uma transição serena para a volta à casa. Em um jantar íntimo, na companhia de Clement, recordamos memórias de dias inesquecíveis. Mergulhar na alma indomada da Namíbia transcende o significado de viajar e ressignifica a noção de pertencimento, uma vez que a existência deixa de ser individual e se torna um vínculo. 📍

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



A cada viagem, uma emoção diferente

Ao realizar os seus próprios sonhos mundo afora, Teresa Perez aprendeu a viabilizar os sonhos de várias gerações de viajantes

POR TERESA PEREZ ILUSTRAÇÃO VERENA MATZEN

Lembro-me perfeitamente de minha infância, quando observava meu pai folheando os exemplares da revista *National Geographic* e me sentia inspirada a conhecer o mundo. Na minha família, muito se falava sobre a história dos destinos e isso me aguçava o desejo de conhecer tudo que eu ouvia. Meu pai era um apaixonado por explorar o que lia nas revistas. Ele sabia muito sobre lugares, governos, política a partir de suas leituras. No meu ambiente familiar, eu já respirava viagens e sonhos.

Aos 16 anos, na nossa primeira ida aos Estados Unidos, alugamos um carro em Los Angeles e atravessamos o país de costa a costa em 45 dias. O roteiro, pensado, claro, com base nas leituras da *National Geographic* e de outras publicações, contemplou parques nacionais, como Yosemite, Yellowstone, Zion Park e Grand Teton. Também fomos a Michigan e seguimos até Dallas para ver de perto os cenários do atentado que tirou a vida do presidente John F. Kennedy. A viagem terminou em Miami, depois de passarmos por Nova York. Foram momentos especiais não apenas pela convivência em família, mas por ter alimentado ainda mais o entendimento de que o mundo era imenso em possibilidades.

As emoções que uma viagem me proporcionava se aqueceram nas primeiras vezes que visitei a Europa. Eu tinha uma tia, irmã do meu pai, que era casada com um austríaco. Eles foram a ponte para que eu pudesse explorar o Velho Continente pós-guerra. Viajava muito com a minha avó, que já era viúva, e eu me tornara a companhia ideal dela. Pensando na minha paixão por viajar, lembro-me especialmente dos belos caminhos que fazíamos de carro pelos Alpes.

Recordo que, em minha primeira vez em Jerusalém, que à época ainda pertencia à Jordânia, nos hospedamos dentro da Cidade Murada. Em seguida, visitamos um destino improvável, Damasco, na Síria, para finalmente chegar à belíssima Beirute, que era considerada a Paris do Oriente Médio. Para uma adolescente de 17 anos, tudo era absolutamente fascinante. Anos mais tarde, já casada e com quatro filhos criados, resolvi que iria trabalhar com turismo.

Comecei como *freelancer* e logo concluí que o que existia na época – as “viagens não personalizadas” – não era o que eu imaginava como ideal para os meus clientes. Era o *start* para criar a minha própria agência, ao lado do meu filho, Tomas, na tentativa de preparar jornadas que atendessem às expectativas de quem estava viajando, o que significava me debruçar sobre mapas, pensar em soluções logísticas, entender o momento de vida de cada pessoa, escolher os melhores hotéis e propiciar passeios que saíssem do óbvio. Nesse caminho, formamos muitos profissionais, sempre com respeito e valores em primeiro lugar.

Isso tudo também era um pretexto para colocar meu olhar pessoal em cada roteiro criado, pensando no melhor para o cliente. Por isso, quando passei a fazer as viagens profissionalmente, no final dos anos 1980, esse foi o primeiro foco de atenção. Cada detalhe era muito importante. Afinal, estávamos lidando com os sonhos de outras pessoas e não poderíamos decepcioná-las. Eis a nossa grande prioridade.

Mais de 60 anos depois das minhas primeiras descobertas no exterior, a coleção de lembranças é quase infinita. Por exemplo, em 1991, fui à China, ainda muito fechada para o turismo, levando um grupo de 16 amigos. Na viagem, percebi que eu tinha um olhar sensível para o novo, para novas culturas e para as pessoas de cada lugar. Eu queria saber como elas viviam. Tenho interesse pelo que é diferente. Foram sempre verdadeiras revelações para mim a natureza, a cultura, a religião, o jeito de ser de cada povo.

A África foi outro lugar que me despertou a curiosidade. Realizei o primeiro safári em 1986, em uma viagem de volta ao mundo. Anos depois, também na África, vi um leopardo pela primeira vez e fiquei muito emocionada quando o *ranger* me mostrou as características desse animal, que era extremamente solitário e tinha muito foco, perseverança e determinação ao caçar suas presas. Dessa vivência, eu tirei lições que trago comigo, quase como lemas: focar-se no essencial, saber que o mais simples das nossas vivências é o verdadeiro luxo e entender que a cada viagem aprendemos e nos emocionamos infinitamente. 9



Inspiradores



FOTO FOLHAPRESS

NIÈDE GUIDON (1933–2025)

Visionária, determinada e incansável defensora do patrimônio pré-histórico brasileiro, Niède Guidon dedicou mais de cinco décadas à arqueologia do sertão nordestino. Nascida em Jaú (SP), em 1933, formou-se em história natural na Universidade de São Paulo e consolidou sua carreira na França, antes de voltar os olhos – e os passos – para o Piauí.

Em mais de 50 anos de trabalho no estado, Niède observou, registrou e escavou os sinais deixados por povos ancestrais em abrigos sob rochas avermelhadas, cobertas de pinturas rupestres. Das vastas paisagens secas do Parque Nacional da Serra da Capivara, surgiram vestígios que desafiaram certezas estabelecidas sobre a presença humana nas Américas

– como fósseis, ferramentas e traços de fogueira que apontavam para ocupações que datam de até 50 mil anos atrás.

Essas descobertas foram a base de uma nova narrativa sobre a pré-história do continente, com implicações profundas para a arqueologia mundial. Niède compreendeu que preservar esses registros exigia não só ciência, mas ação política e social. Criou a Fundação Museu do Homem Americano, liderou projetos de educação e conservação e lutou incansavelmente contra o abandono e o descaso com a memória ancestral do país.

Mais do que uma arqueóloga, Niède Guidon foi uma mulher guiada pela curiosidade, pela coragem e por um senso de urgência em proteger aquilo que o tempo quase apagou. Seu trabalho não foi apenas entre camadas de terra e pedra: voltou-se ao resgate de uma história que poderia ficar esquecida. 📍

NOVA SPORTSTER™ S 2025 NASCIDA PARA IR MAIS ALÉM



newton

HARLEY-DAVIDSON SINCE 1903.

Imagens meramente ilustrativas. Os veículos apresentados poderão variar visualmente e diferir dos veículos fabricados e entregues. A disponibilidade pode variar conforme o mercado.



DESACELERE.
SEU BEM MAIOR É A VIDA.

TUMI



APRESENTAMOS 19 DEGREE LITE

EM COLABORAÇÃO COM LANDO NORRIS, PILOTO DE FÓRMULA 1 DA McLAREN